



ENTRE BRASIL E PORTUGAL

COMPARAÇÃO LEXICOGRÁFICA DA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)
E DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA (LGP)

Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral
Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa
Flávia Roldan Viana



ENTRE BRASIL E PORTUGAL

COMPARAÇÃO LEXICOGRÁFICA DA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)
E DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA (LGP)



Editora	<i>Rejane Andréa Matias Alvares Bay</i>
Conselho editorial	<i>Alessandro Dozena</i> <i>Breno Trajano de Almeida</i> <i>José Mateus do Nascimento</i> <i>Louize Gabriela Silva de Souza</i> <i>Luzia Guacira dos Santos Silva</i> <i>Maria Aparecida Vieira de Melo</i> <i>Sibele Berenice Castellã Pergher</i> <i>Tânia Maria de Araújo Lima</i> <i>Oscar Federico Bauchwitz</i>
Revisão	<i>Ana Valéria Roldan Viana</i>
Revisão ABNT	<i>Mákio Patrício Cassemiro de Souza</i>
Revisão de acessibilidade digital	<i>Gisele Oliveira da Silva Paiva</i>
Capa	<i>José Marinho</i>
Projeto Gráfico e Diagramação Eletrônica	<i>Caule de Papiro</i>

Conselho editorial externo	<i>Adriana Leite Limaverde Gomes - UFC</i> <i>Jefferson Fernandes Alves - UFRN</i> <i>Adriane Cenci - UFRN</i> <i>Katia Regina Lopes Costa Freire - UFRN</i> <i>Aline de Menezes Bregonci - UFES</i> <i>Katiene Symone de Brito Pessoa - UFRN</i> <i>Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa - IPLeiria</i> <i>Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins - UFRN</i> <i>Débora Deliberato - UEP-Marília/SP</i> <i>Maria da Apresentação Barreto - UFRN</i> <i>Debora Regina de Paula Nunes - UFRN</i> <i>Maristela de Oliveira Mosca - UFRN</i> <i>Eduardo José Manzini - UEP-Marília/SP</i> <i>Martha Milene Fontenelle - URCA</i> <i>Elizabeth Romani - UFRN</i> <i>Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães - UFRN</i> <i>Géssica Fabiely Fonseca - UFRN</i> <i>Ronny Diogenes de Menezes - UFRN</i> <i>Jacyene Melo de Oliveira Araujo - UFRN</i> <i>Simone Lorena da Silva Pereira - UFRN</i>
----------------------------	--



ENTRE BRASIL E PORTUGAL

COMPARAÇÃO LEXICOGRÁFICA DA
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)
E DA LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA (LGP)

Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral

Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa

Flávia Roldan Viana

 editora
CAULE DE PAPIRO®

Natal, 2026



©2026. Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa e Flávia Roldan Viana. Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição aos autores(as). A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização dos autores(as), desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal. Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei N° 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os capítulos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação e revisados por pares.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Renafor – Rede Nacional de Formação Continuada dos Profissionais da Educação Básica, financiada pelo Ministério da Educação (MEC), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Catálogo da Publicação na Fonte.

Bibliotecária/Documentarista:

Rosa Milena dos Santos - CRB15 / 847

C117e Cabral, Alcione Costa de Aquino Pinto.

Entre Brasil e Portugal: comparação lexicográfica da língua brasileira de sinais (libras) e da língua gestual portuguesa (lgp) [recurso eletrônico] / Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral; Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa; Flávia Roldan Viana. – Natal: Caule de Papiro, 2026.

117 p. : il.

ISBN 978-65-5477-160-3

DOI: 10.66933/9786554771603/cauledepapirobook

1. Língua Brasileira de Sinais - Brasil. 2. Língua Gestual Portuguesa - Portugal.
3. Lexicografia. I. Sousa, Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de. II. Viana, Flávia Roldan. III. Título.

CDU 376

Editora Caule de Papiro
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitumbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil
Telefone: (84) 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br



Sumário

Prefácio 8
Adalberto Fernandes

Apresentação..... 10

PARTE I: FUNDAMENTOS E CONTEXTO (TEORIA E HISTÓRIA)..... 13

Capítulo 1

O QUE SÃO AS LÍNGUAS DE SINAIS? 14

Capítulo 2

HISTÓRICO E RECONHECIMENTO DA LIBRAS..... 20

Capítulo 3

HISTÓRICO E RECONHECIMENTO DA LGP 24

Capítulo 4

A CONEXÃO E A SEPARAÇÃO..... 30

PARTE II: COMPARAÇÃO LINGUÍSTICA (GRAMÁTICA E ESTRUTURA) 36

Capítulo 5

FONOLOGIA E OS PARÂMETROS FORMACIONAIS 37

Capítulo 6

LEXICOLOGIA, MORFOLOGIA E LEXICOGRAFIA..... 48

Capítulo 7

SINTAXE E ORDEM FRASAL 58

PARTE III: CULTURA E VARIAÇÃO (CONTEXTO SOCIAL) 63

Capítulo 8

VARIAÇÕES REGIONAIS E SOCIAIS 64

Capítulo 9

COMUNICAÇÃO INTERMEDIÁRIA 69



**PARTE IV: DICIONÁRIO COMPARATIVO TEMÁTICO
(VOCABULÁRIO) 78**

Capítulo 10

FAMÍLIA E PESSOAS 79

Capítulo 11

COMIDAS E BEBIDAS 84

Capítulo 12

LUGARES E GEOGRAFIA 89

Capítulo 13

AÇÕES E VERBOS COMUNS..... 93

Capítulo 14

TEMPO E CALENDÁRIO 101

Capítulo 15

EXPRESSÕES E FRASES IDIOMÁTICAS..... 105

Considerações finais..... 108

Referências 110

Sobre as autoras..... 115



Prefácio

Adalberto Fernandes

Equipa de Coordenação do GESTUÁRIO. de Língua Gestual Portuguesa.

A luz do imperativo urgente do desenvolvimento inovador do intercâmbio da cultura científica do Ensino Superior entre Brasil e Portugal, nomeadamente através desta investigação tão urgente, é com muito agrado e jubiloso reconhecimento, que acolho e louvo este extraordinário trabalho de pesquisa e de reflexão, enriquecendo o património bibliográfico dos dois países irmãos.

Os ambiciosos frutos desta investigação, para além de outros factores não menos importantes, que não cabe compreensivelmente, aqui, enunciar, poderão oferecer oportunidades excepcionais para a partilha de proximidade de experiências e saberes entre as comunidades das Pessoas Surdas do Brasil e de Portugal, cujos Governos subscreveram, neste século XXI, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas.

Mais ainda, convoca para a interligação entre as comunidades educativas e de formação das crianças e dos /as jovens com surdez, na perspetiva da afirmação e defesa das suas línguas maternas e culturas, bem como no sentido da sua cidadania plena, em todos os âmbitos da vida em sociedade.

Aliás, todos os trabalhos da comunidade científica, na minha opinião, devem oferecer contributos sólidos e relevantes para a melhoria das políticas públicas da educação inclusiva e da cultura da participação plena de todos os cidadãos e cidadãs, e com maior incidência, nesta área da nossa ciência cidadã para as Pessoas Surdas e suas famílias.

Daqui, decorre a obrigação da maior visibilidade e debates com referência a esta obra científica, que consubstancia o trabalho extraordinário dos seus Autores/as, nomeadamente do Instituto Politécnico de Leiria, na Pessoa da Senhora Professora Doutora Célia Sousa, de modo a incentivar as novas gerações nesta exaltante tarefa de continuar a aprofundar técnica e cientificamente estas matérias.

Em Portugal, a nossa metodologia de trabalho, designadamente na construção do Primeiro GESTUÁRIO de Língua Gestual Portuguesa (LGP), através de um acordo de cooperação entre o Ministério da Educação e o Ministério



do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, contou, desde o início, com a mais elevada prioridade e imprescindível participação das Pessoas Surdas, organizações representativas dos seus interesses, Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa, Casa Pia de Lisboa e Educadores e Professores, além da cooperação excecional da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Uma das mais importantes consequências do GESTUÁRIO, consubstanciou-se no reconhecimento da LGP, na Constituição da República Portuguesa, como uma reivindicação da comunidade das Pessoas Surdas Portuguesas, bem como no desenvolvimento de projetos bilíngues.

Por exigência ética - **“NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS”**

Por fim e agradecendo esta oportunidade de participação, estou cada vez mais convicto que, no universo dos Direitos Humanos e da Ciência Cidadã, a cultura de cooperação entre as comunidades da Investigação e da Ciência, entre Portugal e o Brasil, continua e continuará a ter um papel indispensável, como se comprova com esta obra científica tão estimulante e inspiradora.

Ainda mais, no âmbito das questões das línguas maternas das Pessoas Surdas de Portugal e do Brasil.

Lisboa, 4 de dezembro de 2025.



Apresentação

Este livro emerge como uma obra essencial e pioneira para a compreensão aprofundada das línguas de sinais faladas nas duas margens do Atlântico: a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Gestual Portuguesa (LGP). Longe de serem meros dialetos de uma suposta “Língua de Sinais universal” – um mito desmistificado logo no primeiro capítulo – a Libras e a LGP são línguas visuoespaciais distintas, cada uma com sua própria história, estrutura linguística e comunidade cultural.

A proposta central desta obra é realizar uma comparação lexicográfica e linguística detalhada entre a Libras e a LGP, oferecendo uma visão holística que transita desde os fundamentos teóricos e o contexto histórico-legal até a análise minuciosa de suas estruturas gramaticais e vocabulários e insere-se na área dos estudos lexicológicos e no campo dos estudos lexicográficos dedicados à compreensão de desafios contemporâneos que atravessam diferentes dimensões sociais, históricas e epistemológicas no contexto Brasil-Portugal. O livro reúne análises fundamentadas em referenciais clássicos e atuais, com o propósito de oferecer ao leitor uma síntese crítica, atualizada e metodologicamente consistente sobre aspectos da linguística das línguas de sinais, mais especificamente, quanto aos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos a partir de verbetes catalogados nos dicionários de referência em uso nos dois países considerando o léxico e as características históricas e culturais de cada lugar.

Ao longo dos capítulos, o leitor encontrará um percurso analítico comparativo que combina revisão teórica, apresentação de diferenças nos léxicos da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Gestual Portuguesa e discussão de evidências empíricas provenientes de pesquisas recentes relacionadas aos desafios de produção de dicionários impressos de referência nos dois países e o impacto do uso deles na educação.

Na Parte I, Fundamentos e Contexto (Teoria e História), estabelecemos a base para a comparação, explorando o que são as línguas de sinais, a Cultura



Surda, e o percurso histórico e o reconhecimento legal da Libras no Brasil (Lei 10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005) e da LGP em Portugal (reconhecimento constitucional). O capítulo 4 detalha as razões de sua diferença, como a ausência de um “Português Significado” universal, e a possível influência de terceiras línguas em seus caminhos distintos.

Na Parte II, Comparação Linguística (Gramática e Estrutura), realizamos uma investigação dos Parâmetros Formacionais (Fonologia): Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), Orientação (O) e Expressões Não Manuais (ENM). Além disso, aborda-se a morfologia (formação de sinais, sinais compostos, marcação de gênero e número) e a sintaxe, incluindo o uso do espaço tridimensional e os sistemas de Classificadores em ambas as línguas.

Na Parte III, Cultura e Variação (Contexto Social): Nesta parte, o livro explora as variações regionais e sociais em ambos os países, bem como a influência do Português oral/escrito, como o fenômeno da inicialização. A comunicação entre sinalizadores das duas línguas é analisada, discutindo o papel da Língua de Sinais Internacional (LSI) e os desafios na interpretação.

Por fim, na Parte IV, Dicionário Comparativo Temático (Vocabulário), a obra culmina com um Dicionário Comparativo Temático prático, que organiza o vocabulário em campos semânticos essenciais, como Família, Comidas e Bebidas, Ações e Verbos Comuns, fornecendo uma referência valiosa para estudantes, pesquisadores e intérpretes.

O livro destina-se a professores, estudantes, pesquisadores e profissionais interessados em aprofundar-se no estudo das diferenças, similitudes e características próprias da Libras e da LGP, oferecendo subsídios para reflexão crítica, formulação de novas hipóteses e desenvolvimento de futuras investigações. Além de seu caráter informativo, a obra busca contribuir para o avanço das discussões acadêmicas, ampliando perspectivas e estimulando o debate interdisciplinar.

Este é um trabalho de extrema importância para o intercâmbio cultural e acadêmico entre as comunidades surdas e os profissionais da área de Linguística e Tradução/Interpretação. Ao iluminar as semelhanças, mas principalmente as diferenças estruturais entre a Libras e a LGP, o livro não apenas contribui para o avanço dos estudos linguísticos das línguas de sinais, mas também serve como um recurso didático e de consulta indispensável para todos aqueles que



buscam aprimorar sua comunicação e sua compreensão da complexa e rica diversidade da vida das pessoas surdas no Brasil e em Portugal.

Com isso, espera-se que esta publicação se torne um recurso de referência para aqueles que desejam compreender os caminhos teóricos que sustentam a área, bem como os desafios emergentes que demandam novas abordagens analíticas. O leitor é convidado a percorrer este material com atenção, reflexão e abertura ao diálogo científico, elementos essenciais para a construção coletiva do conhecimento.

As autoras.



PARTE I: FUNDAMENTOS E CONTEXTO (TEORIA E HISTÓRIA)

As Mãos que Veem

As minhas mãos falam quando o silêncio cala.
Os meus olhos veem onde o som se esconde.
Nos gestos encontro raízes — da língua, da alma.
No corpo, patrimônio de visibilidade e voz.

Não preciso de palavras orais para existir.
Minha língua dança no ar — ritmo de liberdade.
As barreiras nos ouvidos caem
quando as mãos constroem pontes de sentidos.

Aqui, a LGP é lar, é cultura.
É o espelho do que sou — e do que podemos ser.
E cada sinal, cada expressão,
tem o poder de ressoar para além da audição.

Caro leitor, tendo em vista que esta obra se propõe a realizar comparação iniciaremos estabelecendo a base teórica, histórica e social que serve de ponto de partida para esta discussão. Assim, os capítulos do um ao quatro, apresentam de forma simples e objetiva esses aspectos introdutórios relativos ao Brasil com a Língua Brasileira de Sinais, que doravante chamaremos Libras, e a Portugal com a Língua Gestual Portuguesa, que doravante chamaremos LGP, estabelecendo as bases teóricas, a Cultura Surda e os marcos históricos e legais, como a Lei da Libras (10.436/2002) e o reconhecimento constitucional da LGP.

O QUE SÃO AS LÍNGUAS DE SINAIS?

A linguagem é a ferramenta mais distintiva da humanidade, a espinha dorsal da cultura, da sociedade e do pensamento. Historicamente, a primazia tem sido dada às línguas orais-auditivas, baseadas na produção vocal e na percepção sonora. Contudo, no vasto universo da comunicação humana, existe um grupo de línguas ricas e complexas que desafiam a noção de que a linguagem deve ser necessariamente falada: as Línguas de Sinais.

Este capítulo visa fornecer o alicerce teórico e sociolinguístico necessário para o estudo comparativo proposto neste livro. Começamos desmistificando preconceitos comuns que trazem concepções errôneas acerca da verdadeira natureza dessas línguas. Em seguida, faremos uma imersão na sua estrutura gramatical e fonológica, provando a sua validade linguística, e finalizaremos com a exploração da vibrante Cultura Surda e da identidade que floresce em torno destas formas visuoespaciais de comunicação. Entender as Línguas de Sinais não é apenas um exercício acadêmico; é o reconhecimento de uma forma completa e sofisticada de linguagem que sustenta a vida, a educação e a identidade de milhões de pessoas Surdas em todo o mundo.

Mito e Realidade: Desmistificando a ideia de que línguas de sinais são universais ou mímicas

Durante séculos, as Línguas de Sinais foram relegadas à margem do estudo linguístico, muitas vezes erroneamente classificadas como meros sistemas de gestos rudimentares, mímica universal ou, na melhor das hipóteses, um código visual simplificado de uma língua oral. Esta visão, profundamente enraizada no oralismo e no ouvintismo, falha em reconhecer a sofisticação e a autonomia dessas línguas.

Um dos mitos mais persistentes é a crença de que as Línguas de Sinais são universais, ou seja, que uma pessoa Surda do Brasil poderia comunicar-se



fluentemente com uma pessoa Surda de Portugal ou da China sem qualquer dificuldade. Esta noção é categoricamente falsa. Tal como as línguas orais-auditivas (Português, Inglês, Mandarim, etc.) evoluíram independentemente em diferentes comunidades geográficas e culturais, também as Línguas de Sinais se desenvolveram de forma única. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), por exemplo, é distinta da Língua Gestual Portuguesa (LGP), e ambas são diferentes da American Sign Language (ASL), da British Sign Language (BSL), ou da Langue des Signes Française (LSF).

Existem famílias linguísticas, variações regionais e até mesmo sotaques dentro de uma mesma Língua de Sinais. A Libras e a LGP, apesar de compartilharem um léxico base em alguns sinais devido às suas raízes históricas (com influência da LSF no caso da Libras, e desenvolvimento endógeno no caso da LGP), possuem estruturas gramaticais, vocabulários e sinais totalmente diferentes na maioria dos casos. A universalidade é um mito que subestima a complexidade linguística e a diversidade cultural inerente às comunidades Surdas.

Outro equívoco comum é reduzir a Língua de Sinais à mímica. Embora seja verdade que as Línguas de Sinais utilizam o espaço e a iconicidade (a relação visual entre o sinal e o seu referente, como o sinal para “comer”) em maior grau do que as línguas orais, a maioria dos sinais é arbitrária. Arbitrariedade significa que a forma do sinal não tem relação intrínseca com o seu significado. Por exemplo, o sinal para “aprender” em Libras é distinto do sinal para “aprender” em LGP, e ambos são arbitrários, sendo necessário aprendê-los. A iconicidade, onde presente, é um recurso linguístico, não a definição da língua. Além disso, a iconicidade isolada não confere gramática.

A verdadeira força da Língua de Sinais reside no seu componente gramatical. As Línguas de Sinais possuem regras sintáticas complexas que regem a ordem das palavras e a organização das frases no espaço tridimensional. Podem derivar novos sinais e modificar o significado de sinais existentes através de variações nos parâmetros formacionais (velocidade, tamanho, repetição do movimento), um processo que em línguas orais é feito com prefixos e sufixos e a gramática é expressa por elementos não-manuais (expressões faciais, movimentos da cabeça, inclinação do tronco) que funcionam como marcadores gramaticais (negação, interrogação, advérbios).



Portanto, Línguas de Sinais são línguas naturais, com gramática própria e complexa, transmitidas culturalmente, e não simples códigos de gestos manuais ou representações visuais universais. O seu estudo demonstra que o cérebro humano está equipado para processar a linguagem em qualquer modalidade, seja auditiva ou visuoespacial.

Estrutura Linguística: Breve introdução aos parâmetros formacionais

A Linguística reconhece que a Língua de Sinais possui todos os níveis de análise encontrados nas línguas orais: fonologia (o estudo dos “sons” ou unidades mínimas distintivas), morfologia (a formação das “palavras” ou sinais), sintaxe (a estrutura das frases) e semântica (o significado). O que a diferencia é a modalidade de articulação, que se dá no espaço, em vez de na fonação.

O conceito chave para entender a estrutura dos sinais é o de Parâmetros Fonológicos, que são as unidades mínimas que, combinadas, formam todos os sinais de uma língua. Assim como os fonemas (vogais e consoantes) são as unidades mínimas da fala, os Parâmetros Fonológicos são as unidades mínimas distintivas na Língua de Sinais. A alteração em apenas um destes parâmetros pode mudar o significado de um sinal. Os cinco Parâmetros Fonológicos essenciais, inicialmente propostos por Stokoe (1960) e expandidos por outros linguistas, são:

Configuração de Mão (CM)

Refere-se à forma que a mão assume ao realizar o sinal. É o parâmetro com o maior número de variações. Por exemplo, a mão pode estar em forma de letra “A”, “B”, “C”, ou estendida, fechada, em gancho, etc. A mudança na CM pode alterar completamente o significado do sinal (em Libras, o sinal de ‘Saber’ e ‘Querer’ diferem primariamente na CM).

Ponto de Articulação (PA)

É o local do corpo ou no espaço neutro em frente ao corpo onde o sinal é executado. O Ponto de Articulação pode ser a testa, o queixo, o peito, o braço, ou uma região específica do espaço neutro. A distinção entre sinais como



‘Aprender’ (testa) e ‘Saber’ (testa, mas com CM diferente) em Libras ilustra a importância do PA, que, em conjunto com outros parâmetros, diferencia os sinais.

Movimento (M)

Refere-se ao trajeto, à direção, à intensidade e à repetição que a mão, ou as mãos, realiza durante a execução do sinal. O movimento pode ser para cima, para baixo, circular, em linha reta, oscilante, rápido, lento, contínuo ou segmentado. Por exemplo, o sinal para ‘Andar’ geralmente envolve um movimento repetitivo, enquanto o sinal para ‘Ficar’ pode ser estático. A ausência de movimento em alguns sinais também é uma característica distintiva.

Orientação da Palma (O)

É a direção para onde a palma da mão e/ou os dedos estão voltados durante a execução do sinal. A palma pode estar voltada para o corpo, para fora, para baixo, para o lado, ou para cima. A mudança na orientação da palma pode diferenciar sinais homófonos.

Expressão Não-Manual (ENM)

Considerado por muitos linguistas o parâmetro mais complexo e gramaticalmente essencial, o ENM abrange:

- ▶ Expressões Faciais: Utilizadas para marcar funções gramaticais (interrogação, negação, condicional) e aspectos (advérbios de modo ou intensidade).
- ▶ Movimentos da Cabeça e do Tronco: Inclinação, aceno, balanço, utilizados para marcar tópicos frasais, concordância verbal, ou pronominalização.
- ▶ Movimentos da Boca: Pode ser a vocalização (uso da boca sem som para reforçar o sinal - empréstimo da língua oral) ou as configurações bucais, que têm função gramatical própria.

Em conjunto, estes cinco parâmetros demonstram que a Língua de Sinais não é apenas um conjunto aleatório de gestos, mas sim uma língua estruturada em unidades mínimas, cuja combinação e alteração geram um léxico e uma gramática infinitamente produtivos.



A Comunidade Surda: Cultura Surda, identidade e a importância da Língua de Sinais

A Língua de Sinais não é apenas um código linguístico; é o pilar central sobre o qual se constrói a identidade, a coesão social e a cultura de um povo. Para as pessoas surdas que se identificam com a comunidade, a Língua de Sinais é o seu patrimônio linguístico e cultural primário, transcendendo a mera função comunicativa para se tornar um elemento de pertencimento e resistência.

A Comunidade Surda não é definida primariamente pela condição audiológica (o grau de surdez), mas sim pela identidade e pela participação cultural compartilhada. Surdos que utilizam a Língua de Sinais, compartilham experiências, valores e um modo de vida visuoespacial formam uma comunidade distinta. Esta comunidade inclui não apenas as pessoas surdas nativas, mas também filhos de pais Surdos (C.O.D.A.s - *Children of Deaf Adults*), intérpretes, pesquisadores e amigos ouvintes que dominam a Língua de Sinais e aderem aos seus valores culturais.

A Cultura Surda é um conjunto de padrões de comportamento, crenças, artefatos, valores e tradições desenvolvidos pela Comunidade Surda e transmitidos através da Língua de Sinais. Ela se manifesta em diversos aspectos:

Arte e Literatura: A poesia, a narração de histórias, o teatro e a performance na Língua de Sinais são formas ricas de expressão que utilizam os recursos visuoespaciais da língua de maneiras únicas, como a manipulação de sinais e a produção de rimas visuais.

Tecnologia e Comportamento: A Cultura Surda molda o uso de tecnologias (como a luz de alerta em vez de campainhas sonoras) e normas sociais (o modo de chamar a atenção, o contato visual direto e prolongado, a forma de interromper uma conversa).

Valores: A valorização da Língua de Sinais, a solidariedade mútua na luta contra o preconceito (ouvintismo) e a forte ênfase na educação bilíngue (Língua de Sinais como L1 e língua oral do país como L2).

A identidade da pessoa surda é multifacetada e complexa, sendo o resultado da interação entre a experiência individual e o pertencimento à comunidade. A identidade se constrói, em grande parte, através da aquisição precoce da Língua de Sinais, que permite o pleno desenvolvimento cognitivo,



social e emocional. A Identidade Linguística é a certeza de que a Língua de Sinais é uma língua completa e a ferramenta mais eficaz para a comunicação e o pensamento. E a Identidade Cultural é o senso de pertencer a uma minoria linguística com história e tradições próprias.

A importância da Língua de Sinais para a identidade é inegável. Sem uma Língua de Sinais acessível, a criança Surda fica isolada do conhecimento, da interação social e do desenvolvimento cognitivo pleno (privação linguística), o que tem consequências devastadoras para a sua vida adulta. A Língua de Sinais, seja Libras em contexto brasileiro ou LGP em contexto português, é o veículo de acesso ao mundo, à educação e à plena cidadania.

Nos próximos capítulos, examinaremos a história, a estrutura e o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Gestual Portuguesa (LGP), revelando as semelhanças, as diferenças e as influências que moldaram cada uma destas línguas em seus respectivos contextos nacionais.

Síntese visual:

Capítulo 1 – O que são as Línguas de Sinais?

1.1



Explica que línguas de sinais são sistemas linguísticos completos e não formas universais ou gestuais simples.

1.2



Introduz os principais parâmetros que estruturam a formação dos sinais.

1.3



Apresenta a relação entre língua de sinais, identidade e cultura da Comunidade Surda.

Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



HISTÓRICO E RECONHECIMENTO DA LIBRAS

As Línguas de Sinais emergem do convívio entre pessoas surdas em diversos contextos sociais. Por muito tempo, essa forma de comunicação foi desconsiderada e ocorreu predominantemente na informalidade. Em razão das injustiças decorrentes da ausência de acesso a direitos linguísticos surgiram movimentos surdos organizados, cujo objetivo era reivindicar tais direitos e assegurar condições de igualdade e dignidade humana à população surda.

Em âmbito mundial a defesa dos direitos linguísticos é protagonizada pela Federação Mundial de Surdos (WFD), uma das organizações internacionais de pessoas com deficiência mais antigas, fundada em 1951, e composta por associações nacionais de surdos de todos os continentes atuando na promoção e proteção dos direitos das pessoas surdas. (WFD, 2025). No contexto brasileiro a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), organização não governamental, fundada em 1987 assumiu papel fundamental na mobilização da sociedade em prol do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Este capítulo apresenta os fundamentos históricos e jurídicos que compõem o processo de transformação da Libras: de uma forma de comunicação sem prestígio linguístico para uma língua reconhecida oficialmente como meio de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, dotada de status linguístico e gramática própria.

A história da surdez no Brasil

A trajetória das pessoas surdas no Brasil nunca foi simples, embora os episódios mais severos pertençam ao passado. Trata-se de uma história marcada por exclusão, segregação, ouvintismo, privação de acesso a direitos



linguísticos, o que, por consequência, implica em limitações ao acesso a direitos humanos fundamentais como saúde e educação. Durante muito tempo ser surdo no Brasil, significou, não ter direito à matrícula em escolas comuns, não ter direito à herança, e, mais grave ainda, não ter o direito de expressar sua opinião sobre o que seria melhor para si. Em outras palavras, significava vivenciar o apagamento e a invisibilização de um povo, de uma cultura, de uma língua.

As novas gerações necessitam, assim, apropriar-se desse saber histórico, que, conforme afirma Strobel (2009) “é uma conquista [...] que fornecerá artefatos culturais que permitirão alterar para melhor o mundo do povo surdo”. Segundo a autora a história dos surdos é marcada por três grandes fases: a revelação cultural (com o ensino por meio de sinais, os surdos dominavam a arte da escrita), o isolamento cultural (quando o congresso de Milão proíbe o acesso a língua de sinais na educação de surdos) e o despertar cultural (renascimento da aceitação da língua de sinais e da cultura surda).

O Papel do INES e influências estrangeiras

Embora o povo surdo brasileiro historicamente tenha vivido à margem da sociedade, a chegada do professor surdo francês Ernest Huet, em 1855, provocou mudanças significativas pois ele trazia consigo as concepções de Lépée sobre ensino de pessoas surdas por meio de sinais. Surge então a Libras no contexto do Instituto Nacional de Educação de Surdos-Mudos (INES), criado em 1857, que se tornou o cenário dos episódios mais marcantes da história da educação de surdos no Brasil (Soares, 1999).

A Libras pertence à linhagem linguística da Langue des Signes Française (LSF), mas, em território brasileiro estruturou-se a partir de elementos próprios da cultura local, constituindo-se, portanto, como uma nova língua, distinta da LSF e dotada de características próprias.

Em 1880, o Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, aprovou a proibição oficial da língua de sinais na educação de surdos, marco inicial do período de isolamento cultural. Em 1911, com a difusão mundial da filosofia oralista, o INES alterou sua metodologia, impondo ao povo surdo brasileiro, novo período de exclusão, desta vez caracterizado pela proibição do uso das mãos para a comunicação, privilegiando exclusivamente a língua oral-auditiva.



No cenário internacional, mesmo diante desse contexto adverso, surgiu a Federação Mundial de Surdos (WFD), inicialmente voltada a atividades sociais e esportivas, mas que, mais tarde, se consolidaram como uma organização de grande relevância na defesa dos direitos linguísticos das pessoas surdas.

A partir da década de 1970, a filosofia da comunicação total passou a ser adotada e permaneceu vigente no Brasil até a aprovação da Lei nº 10.436/2002, dando lugar ao modelo bilíngue que se mantém até os dias atuais (Goldfeld, 2003; Soares, 1999). Essa transição, contudo, só foi possível após intensa mobilização da FENEIS e a publicação de pesquisas de referência que constituíram o arcabouço teórico necessário à formulação dos dispositivos legais de reconhecimento da Libras.

Atualmente, o INES, tendo atravessado todo esse processo, segue sendo uma instituição de referência na educação de surdos em todos os níveis de ensino. Produzindo pesquisa e material em Libras e impulsionando a formação de profissionais na área da surdez para todo o país.

Legislação e reconhecimento: A Lei da Libras (Lei nº 10.436/2002) e o Decreto nº 5.626/2005

O reconhecimento da Libras constituiu-se como um processo histórico longo e conflituoso, marcado por articulações políticas, mobilizações do movimento surdo e avanços legislativos graduais. Em âmbito subnacional, Minas Gerais assumiu papel pioneiro ao reconhecer oficialmente a Libras em 1991, inaugurando um precedente institucional que contribuiu para a visibilidade da pauta surda.

No plano federal a conquista normativa ocorreu em 2002, quando a Lei nº 10.436/2002 consagrou que “é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras” (Brasil, 2002), conferindo a comunidade surda um marco jurídico para exigência de políticas públicas, formação de profissionais e oferta de serviços de acessibilidade linguística. Posteriormente, o Decreto nº 5.626/2005 regulamenta essa lei, detalhando diretrizes para o ensino, a formação de intérpretes e a presença da Libras em serviços públicos (Brasil, 2005).

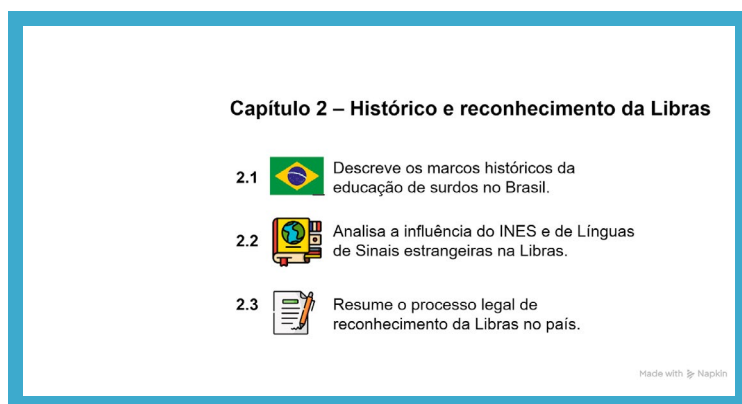
Importante observar que esse avanço legal não decorreu apenas do ativismo legislativo, mas da intensa mobilização da comunidade surda e de



atores educacionais em defesa da escola bilíngue. A reação contra iniciativas que ameaçavam o fechamento de instituições e programas voltados ao ensino em Libras, inclusive diante de propostas de implementação de políticas de educação que não respeitassem a especificidade linguística e cultural dos surdos, intensificou a articulação coletiva e pressionou decisões públicas em favor do reconhecimento e da promoção do bilinguismo. Segundo as autoras Moraes, Klein e Coelho (2024) o tensionamento se justifica por haver um desencontro entre as formas de pensar a educação bilíngue preconizada no Brasil (2008) e o que a comunidade surda historicamente defendia (Lodi, 2013; Moraes, Klein e Coelho, 2024).

Dessa forma, o reconhecimento da Libras resulta da conjugação entre iniciativas legislativas (municipais/estaduais e federais), regulamentação executiva e mobilização social organizada, elementos que, em conjunto, consolidaram a Libras como direito linguístico e sustentáculo de políticas públicas de educação e acessibilidade para a população surda no Brasil.

Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



HISTÓRICO E RECONHECIMENTO DA LGP

Portugal reconhece oficialmente três línguas: o português, o mirandês e a Língua Gestual Portuguesa, doravante designada LGP. As duas primeiras são línguas orais, de modalidade oral-auditiva, enquanto a terceira é uma língua de sinais, de modalidade visual-espacial.

Assim como outras línguas de sinais no mundo, a LGP enfrentou um período de proibição em contextos educacionais portugueses. Seu percurso histórico e reconhecimento estão profundamente ligados à mudança de paradigma trazida pela “Declaração de Salamanca”, de 1994, à qual Portugal aderiu durante a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, que reuniu representantes de 92 países e 25 organizações internacionais. Esse marco internacional teve um impacto significativo na educação de surdos em Portugal, ao propor uma concepção de educação inclusiva voltada para o acesso de crianças e jovens com necessidades educativas específicas às escolas regulares.

Entender o processo de mudanças na educação de surdos, requer o resgate histórico das influências de outras línguas no desenvolvimento da LGP e o caminho percorrido até seu reconhecimento com respaldo legal.

A história da surdez em Portugal

Carvalho e Mineiro (2020) apontam períodos marcantes na educação de surdos em Portugal: O primeiro período, com a criação do primeiro Instituto Real de Surdos-Mudos e Cegos em 1823, através do trabalho do professor de surdos sueco Per Aron Borg, implementando o ensino de “surdos-mudos” com seu método misto e Língua Gestual e Português escrito/oral. (Santos, 1913 apud Carvalho e Mineiro, 2020).



Indicando, assim, que a história da surdez em Portugal tem semelhanças com a história da surdez no Brasil. O INES foi fundado em 1857, portanto já haviam se passado 34 anos de história, nessa área, desde a criação da primeira escola de surdos em Portugal.

O segundo período a partir de 1905 com o Método Oral Puro pelo professor Nicolau Pavão de Sousa por consequência do Congresso de Milão de 1880. Seguido de outros métodos usados em Portugal como em 1922, com a criação do Instituto de Jacob Rodrigues Pereira (IJRP), o método Materno-Reflexivo; Em 1976, foi implementado o Método Verbotonal, porém durante este período a Língua Gestual desenvolveu-se fora das salas de aula. “A própria língua gestual era considerada mímica, havendo preconceitos em relação ao uso de gestos que essas pessoas se comunicassem” (Martins, 2019, p. 500-501).

O terceiro período traz a mudança de perspectiva para a educação bilíngue de surdos, período que se mantém até os dias de hoje.

Em 1992/93, no IJRP a LGP é recuperada da clandestinidade e aos poucos inserida como meio de instrução dos alunos surdos, dando origem à introdução sistemática e científica do Modelo da Educação Bilíngue de Surdos tendo como parceiros a Universidade de Gallaudet, nos EUA marcando assim o terceiro período da História da Educação de Surdos em Portugal. (Carvalho e Mineiro, 2020, p. 3)

Trata-se de um processo gradativo que envolve políticas linguísticas, formação de professores, logística para possibilitar a permanência do estudante surdo nas escolas de referência, diferenciação curricular, respeito à identidade e a cultura surda nos programas de ensino.

Entretanto, “em Portugal, a primeira cirurgia de implante coclear foi efetuada em 1985, tendo sido um dos países pioneiros” (Benjamim, 2019), neste sentido, há famílias ouvintes de estudantes surdos que podem optar por não matriculá-los em escolas de referência de ensino bilíngue, partindo da crença de que o implante coclear possa ser suficiente para garantir a igualdade de condições entre surdos e ouvintes e se prevalecendo da liberdade de escolha que a família do estudante tem previsto em lei.

Enquanto isto, as associações de surdos continuam a luta por reconhecimento e valorização da língua de sinais nos diversos espaços da sociedade. Durante as atividades em alusão ao Dia Nacional da Língua Gestual Portuguesa em 2025, as pautas reivindicadas são: acessibilidade linguística nos serviços



públicos e em especial nos serviços de emergência 112, nos ambientes de trabalho, onde as pessoas surdas ainda se sentem invisibilizadas. No contexto escolar, a pauta de reivindicação das associações de surdos é que a Língua Gestual seja um direito básico e não opcional.

Origens e influências

O alfabeto manual da LGP sofre influência sueca, tendo em vista, que o primeiro professor a dar aulas em língua de sinais em escolas de Lisboa foi o professor sueco, Per Aron Borg. Considerado o fundador da educação para surdos na Suécia, desenvolveu um alfabeto manual sueco e promoveu o ensino escrito em conjunto com o uso de sinais, influenciando a difusão de sinais no norte da Europa. Estudos sobre a dispersão e evolução de línguas de sinais citam Borg como figura central na região escandinava. Ou seja, “a LGP faz parte da linhagem linguística sueca, especificamente na parte alfabética manual” (Sousa, 2021,46).

É necessário também destacar que a Língua de Sinais Francesa também exerce influência neste processo através das escolas de Surdos de Paris que serviram de modelo para os estudos e práticas pedagógicas de Aron Borg.

Nos aspectos gramaticais, à semelhança da Língua Brasileira de Sinais, a Língua Gestual Portuguesa é influenciada pelos estudos de Stokoe. Adotando, assim, parâmetros semelhantes, na nomenclatura e aplicação prática, causando uma aproximação entre as línguas de sinais brasileira e portuguesa. Entretanto, ambas, permanecem sendo línguas de sinais, distintas em seus aspectos históricos, culturais, com políticas linguísticas que surgem como resultado de lutas por reconhecimento da língua, e assim, também da identidade e da cultura surda.

Legislação e reconhecimento: O reconhecimento constitucional da LGP

Em Portugal a defesa dos direitos linguísticos das pessoas surdas é representada pela Federação Portuguesa das Associações de Surdos (FPAS), entidade que congrega as associações do país e articula as principais demandas do movimento surdo. Entre essas conquistas destaca-se como marco histórico o reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa (LGP).



Além da mobilização do movimento surdo nacional, a obra *Por uma gramática da Língua Gestual Portuguesa* desempenhou papel significativo na consolidação do estatuto linguístico da LGP.

A carta magna da República Portuguesa no Artigo 74º, nº 2 alínea h, estabelece como incumbência ao estado no âmbito da política de ensino “proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades” (Portugal, 1997). Tal dispositivo constitui o marco jurídico do reconhecimento constitucional da LGP e orienta as políticas subsequentes voltadas à educação bilíngue de pessoas surdas no país. Contudo, o Projeto de Lei 452/IX que pretendia definir a Língua Gestual Portuguesa como idioma oficial do Estado português e reforçar a responsabilidade estatal em relação aos cidadãos surdos (Portugal, 2004) acabou sendo arquivado.

Em 2008, o Ministério da Educação institui, por meio do Decreto-Lei 3/2008, às Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos (EREBAS), em substituição às Unidades de Apoio a Alunos Surdos (UAAS). Este Decreto-Lei apresenta as diretrizes e estratégias para a eficaz implementação da educação bilíngue destinada aos alunos surdos.

Atualmente o Decreto-Lei n.º 54/2018, que estabelece o regime jurídico da educação inclusiva, tem como objetivo garantir que todos os alunos, incluindo os surdos, tenham acesso a uma educação que responda às suas necessidades e potencialidades através de uma abordagem inclusiva. Embora o decreto promova a inclusão através da adaptação do ensino e da eliminação de sistemas de categorização, a sua aplicação prática enfrenta desafios, especialmente no que diz respeito ao envolvimento da Língua Gestual.

O Decreto-Lei n.º 54/2018 não é um diploma dedicado apenas à educação de surdos, mas sim um diploma geral de educação inclusiva que se aplica a todos os alunos. Apesar das suas boas intenções, a aplicação do decreto encontra desafios, como a necessidade de uma melhor integração da Língua Gestual Portuguesa e a adaptação de recursos para responder às necessidades de todos.

O decreto prevê medidas que podem ser adaptadas para alunos surdos, mas a sua implementação requer um planeamento específico e a mobilização de recursos adequados por parte das escolas.

No seu artigo 15º é feita a alusão às Escolas de referência para a educação bilíngue:



1 - As escolas de referência para a educação e ensino bilíngue constituem uma resposta educativa especializada com o objetivo de implementar o modelo de educação bilíngue, enquanto garante do acesso ao currículo nacional comum, assegurando, nomeadamente:

a) O desenvolvimento da língua gestual portuguesa (LGP) como primeira língua (L1);

b) O desenvolvimento da língua portuguesa escrita como segunda língua (L2)

c) A criação de espaços de reflexão e formação, incluindo na área da LGP, numa perspetiva de trabalho colaborativo entre os diferentes profissionais, as famílias e a comunidade educativa em geral.

2 - As escolas de referência para a educação bilíngue integram docentes com formação especializada em educação especial na área da surdez, docentes de LGP, intérpretes de LGP e terapeutas da fala.

3 - As escolas de referência para a educação bilíngue possuem equipamentos e materiais específicos que garantem o acesso à informação e ao currículo, designadamente equipamentos e materiais de suporte visual às aprendizagens.

4 - Compete às escolas a que se referem os números anteriores a organização de respostas educativas diferenciadas, de acordo com os níveis de educação e ensino e as características dos alunos, nomeadamente através do acesso ao currículo, à participação nas atividades da escola e ao desenvolvimento de ambientes bilíngues, promovendo a sua inclusão.

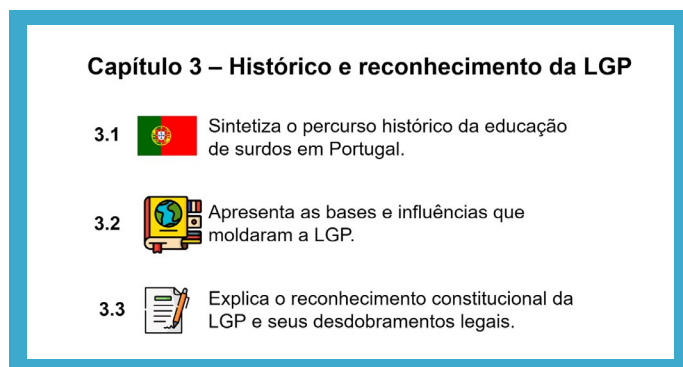
A consagração da LGP na Constituição Portuguesa de 1997 representou, portanto, não apenas um gesto simbólico, mas o ponto de partida para a edificação de um quadro legal que garantiria a inclusão e o acesso equitativo à educação para a comunidade Surda. Esse reconhecimento constitucional é o alicerce que sustenta as políticas públicas subsequentes, visando assegurar a plena cidadania linguística. A materialização desse compromisso se torna mais evidente com a adoção do Regime Jurídico da Educação Inclusiva, que estabelece as respostas educativas especializadas e a imprescindibilidade do bilinguismo na escolarização.

Assim, a educação bilíngue em Portugal está explicitamente vinculada à estrutura estatal de apoio, conforme detalhado no Decreto-Lei n.º 54/2018, que define as respostas especializadas, nomeadamente as Escolas de referência para a educação bilíngue. Tais escolas são cruciais para a garantia do desenvolvimento pleno da LGP como primeira língua e do Português escrito



como segunda, constituindo uma “resposta educativa especializada com o objetivo de implementar o modelo de educação bilingue, enquanto garante do acesso ao currículo nacional comum, assegurando, nomeadamente: a) O desenvolvimento da língua gestual portuguesa (LGP) como primeira língua (L1); b) O desenvolvimento da língua portuguesa escrita como segunda língua (L2); c) A criação de espaços de reflexão e formação, incluindo na área da LGP (...)” (Decreto-Lei n.º 54/2018, Artigo 15.º, n.º 1).

Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



A CONEXÃO E A SEPARAÇÃO

Entre as línguas de sinais da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a Libras e a LGP se conectam e se separam em diversos aspectos. É possível apontar processos gramaticais comuns, recursos morfossintáticos partilhados e similaridade funcional/psicolinguística.

Para entender de que forma as línguas de sinais se conectam e que caminhos distintos percorrem, neste capítulo, as diferenças linguísticas entre línguas de sinais são apresentadas a partir da ausência de um “Português Significado” universal e considerando as linhagens linguísticas e o entrelaçamento entre diversos ramos linguísticos, além de uma fundamentação teórica para a perspectiva da educação comparada.

Por que as línguas de sinais são diferentes: A ausência de um “Português Significado” universal

A diversidade entre as línguas de sinais decorre fundamentalmente de sua modalidade visual-gestual e de processos históricos próprios de cada comunidade surda. Como afirmam Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 1), “As línguas de sinais são de grande interesse para os linguistas, porque, embora sejam produto do mesmo cérebro, sua transmissão física difere muito da das línguas faladas”. Essa diferença de modalidade implica recursos linguísticos específicos, como simultaneidade e uso do espaço, que remodelam a organização gramatical. Emmorey (2002, p. 3) destaca que a ASL “usa o espaço de uma forma que as línguas faladas não conseguem”, mostrando que a estrutura das línguas de sinais não é uma mera representação manual das línguas orais, mas um sistema autônomo.

No contexto brasileiro, Quadros e Karnopp (2004, p. 20) enfatizam que os sinais são articulados visualmente, e não derivados do português: “os gestos do sinalizador criam sinais que são detectados pelo interlocutor por



meio do sistema visual. [...] O sistema periférico é diferente, mas a atividade inerente é a mesma”. Essa autonomia estrutural explica por que não existe um ‘Português em sinais’ universal. Assim como ocorre com as línguas faladas, cada comunidade surda desenvolve sua própria língua de sinais, com léxico e gramática particulares.

Dessa forma, as diferenças entre as línguas de sinais e a inexistência de um “Português-significado” universal resultam da combinação entre modalidade visual, processos cognitivo-linguísticos específicos e trajetórias socioculturais distintas, consolidando a natureza plena, dinâmica e independente dessas línguas.

Raízes comuns e caminhos distintos

Algumas semelhanças históricas por via de terceiras línguas podem ser identificadas no binômio (Libras-LGP). Ambas sofrem a influência da Língua de Sinais Francesa (LSF), e também se organizam gramaticalmente com base na Língua de sinais Americana ou *American Sign Language* (ASL).

É possível, entretanto, identificar alguns caminhos distintos percorridos por ambas. Partindo de como uma língua se desenvolveu em relação à outra, nos seus respectivos contextos podemos observar que no Brasil um fator preponderante para a expansão da pesquisa e valorização da língua de sinais nas áreas de estudos surdos, Linguística, Educação de surdos está vinculada ao fato de que a disciplina de Libras é disciplina obrigatória nas licenciaturas e cursos de formação de professores desde 2005 com o Decreto 5.626/2005.

Esse marco legal desencadeou a necessidade de profissionais surdos com formação em nível superior, a criação de cursos de graduação Letras Libras, pedagogia bilíngue e de tradução e interpretação em diversos pontos do país, possibilitando assim, o desenvolvimento de pesquisas e consequentemente o desenvolvimento, reconhecimento e consolidação da própria língua.

No Ensino Superior em Portugal há forte vertente prática, com foco na inclusão e acessibilidade. São oferecidos cursos de Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, assim como, Mestrado em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos. Além disso, a disciplina LGP não é obrigatória, sendo ofertada como optativa em alguns cursos. O que fragiliza a valorização da língua em outras áreas, em especial nos cursos



de formação inicial de professores para a educação básica. Nesse contexto, o desenvolvimento da pesquisa na área tende a ser mais tímido que no Brasil.

Já na educação básica portuguesa a educação bilíngue de surdos é apresentada em um regime jurídico da educação especial que prevê escolas de referência de ensino bilíngue para alunos surdos. Garantindo assim, que alunos surdos estejam juntos nos mesmos espaços escolares e atendidos por equipes.

Perspectiva da educação comparada

A perspectiva da educação comparada oferece um enquadramento amplo e metodologicamente diverso para analisar línguas de sinais em contextos distintos. A definição clássica da UNESCO “a Educação Comparada se preocupa com todos os problemas da educação” legitima a amplitude do campo: ele se ocupa de “todas” as problemáticas educacionais, o que autoriza incluir questões linguísticas, socioculturais e legais relacionadas a Libras e LGP.

Segundo Bray & Thomas (1995) “a pesquisa na área de educação comparada tem se concentrado tradicionalmente em estudos que abrangem diversas regiões e países do mundo” lembram que os estudos comparativos atuam em vários níveis (do internacional ao local), o que é essencial quando se compara uma língua de sinais brasileira com a portuguesa: é preciso articular análises entre políticas nacionais, instituições educativas, práticas em sala de aula, currículo e até o desenvolvimento do léxico por meio de dicionários. Finalmente, o manual de Phillips & Schweisfurth (2014) fornece um suporte metodológico e didático prático: serve de guia para estruturar comparações, escolher níveis de análise e justificar escolhas metodológicas perante o leitor acadêmico.

Assim, (UNESCO; Bray & Thomas; Phillips & Schweisfurth) permitem construir uma fundamentação teórica que justifica a amplitude do recorte (por que comparar línguas de sinais?) a delimitação dos níveis de análise (nacional, institucional, micropráticas — Bray & Thomas), e uma base metodológica para executar comparações com rigor (Phillips & Schweisfurth).

A comparação lexicográfica tem sustentação em Capovilla, Martins e Oliveira (2018). Os dicionários de referência que são objeto desta comparação lexicográfica são o Deit-Libras e o Gestuário de Língua Gestual Portuguesa conforme figuras 1 e 2.



Figura 1 - Deit- Libras



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

Figura 2 - Gestuário de Língua Gestual Portuguesa



Fonte: Ferreira (2011).

A sua versão mais recente é o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil que:

Documenta mais de 13 mil sinais de Libras em entradas lexicais individuais, trazendo os verbetes correspondentes ao sinal em português e inglês, a definição do significado do sinal e dos verbetes, ilustrações e a descrição detalhada da forma do sinal, além de exemplos ilustrativos do uso funcional apropriado do verbete em frases e a especificação do escopo de validade geográfica em relação aos estados brasileiros. O *Dicionário* contém a escrita visual direta do sinal em SignWriting, permitindo ao leitor concentrar-se nos traços distintivos que possibilitam diferenciar sinais semelhantes. É possível ainda encontrar a descrição da etimologia do sinal pela análise dos morfemas que compõem sua estrutura, e uma breve análise do parentesco semântico entre o sinal e outros sinais que compartilham alguns de seus morfemas moleculares. O livro é uma edição atualizada e ampliada do *Novo Deit-Libras*, e traz ainda a soletração digital em Libras por meio da fonte Capovilla-Raphael, permitindo à criança surda analisar a composição das palavras escritas e converter letras em formas de mão. EDUSP (2025).





Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2019).

Trata-se de um trabalho que passa por constante revisão, ampliação e atualização, vencedor do prêmio Jabuti em 2002, e vencedor do prêmio da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU) 2018 na categoria Ciências Humanas. O reconhecimento e o respeito por este trabalho é unanimidade na comunidade surda brasileira e nos espaços acadêmicos que discutem a educação de surdos e a Língua de Sinais.

Entretanto, o Gestuário de Língua Gestual Portuguesa, está em sua 9ª edição, porém com uma ampliação tímida no quantitativo de entradas lexicais, mantendo sempre a mesma estrutura sendo uma “adaptação portuguesa do Dicionário de Gestos da Comunidade Francesa da Bélgica” (Ferreira, 2011, p. 4). A perspectiva linguística adotada considera o gesto como unidade de significado formado pelos queremas: configuração, localização e movimento da mão e apresenta como objetivo a descrição de unidades gestuais.

Assim, nos próximos capítulos, são discutidas similitudes e diferenças entre as duas línguas de sinais a partir do léxico descrito nas obras aqui apresentadas.



Síntese visual:

Capítulo 4 - A Conexão e a Separação

- 4.1  Explica por que as línguas de sinais diferem entre si e não derivam do português oral.
- 4.2  Discute possíveis relações históricas indiretas entre Libras e LGP.
- 4.3  Contextualiza o estudo das línguas de sinais a partir da Educação Comparada.

Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).

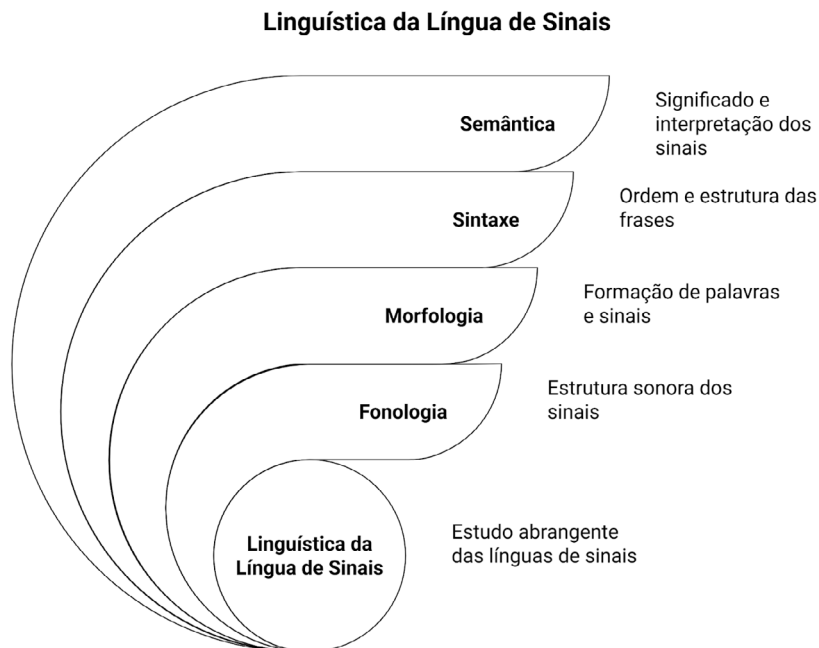


PARTE II: COMPARAÇÃO LINGUÍSTICA (GRAMÁTICA E ESTRUTURA)

Nós valêmos aqui do campo da linguística comparada como estudo que visa estabelecer correspondências sistemáticas (fonológicas, morfológicas e semânticas) entre línguas para determinar as suas relações de parentesco e traçar a sua genealogia. Trata-se assim, do cerne do livro, focado nas diferenças formais e estruturais. Usaremos tabelas comparativas e ilustrações (fotos ou desenhos) para estabelecer essa comparação.

FONOLOGIA E OS PARÂMETROS FORMACIONAIS

Os estudos fonológicos, envolvem descrição e análise das unidades mínimas, os queremas, conhecidos como parâmetros constitutivos das duas línguas de sinais, ambas fundamentadas nos trabalhos de Willian Stokoe (1960). Na Libras, os parâmetros são: configuração de mão, locação (ou ponto de articulação), movimento, orientação da palma e expressão facial. Na LGP, igualmente identificam-se cinco parâmetros constitutivos, definidos como: configuração, localização, movimento, expressão facial e orientação da palma da mão.



Fonte: Elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



Preliminarmente é necessário reforçar que o alfabeto é um elemento próprio das línguas orais, usado nas línguas de sinais para nomes de pessoas, lugares ou termos que ainda não tenham sinal/nome gestual. Porém, nos estudos e dicionários da Libras assumem também o papel de CM, fato que ocorre de forma diferente nos dicionários da LGP que listam separadamente alfabeto manual e configurações de mão, na tentativa de tornar clara essa distinção.

Nas imagens a seguir apresentamos os alfabetos manuais da Libras e da LGP.

Figuras 1 e 2 – Representações de alfabetos manuais da Libras e da LGP



A partir da observação fica evidenciado que existem apenas 6 letras iguais que são: C, O, U, V, W, Y. Algumas letras que apresentam semelhança como: F, I, K, L, M, N e S. O “ç” que existe no alfabeto manual da Libras, porém não consta no alfabeto manual da LGP. Ao final, é possível observar que são 13 letras diferentes: A, B, D, E, G, H, J, P, Q, R, T, X e Z. Portanto, há mais diferenças que semelhanças entre os dois alfabetos manuais. Há também algo interessante, o fato de que a letra “S” em Libras equivale a letra “G” em LGP, apresentando apenas a diferença na direcionalidade, porém semelhança quanto a configuração da mão, o ponto de articulação e o movimento. Assim como, o “X” em LGP é o “R” em Libras. Assim, trata-se de dois alfabetos diferentes, que exercem o mesmo papel, em relação à língua de sinais (Libras ou LGP) e a língua oral (português brasileiro ou europeu).

Apesar da diferença nos alfabetos manuais, tanto Libras quanto LGP realizam a comunicação por meio das duas mãos, a mão dominante e a mão



de apoio, com variação possível para pessoa destra ou canhota. E que os sinais/gestos, podem ser icônicos ou arbitrários, sequenciais e/ou simultâneos (Mineiro; Colaço, 2010; Quadros; Karnopp, 2004; Amaral, 2015).

Este capítulo apresenta possibilidades de alteração no significado de sinais/gestos a partir de mudanças em um ou dois queremas/parâmetros apontando exemplos de como isso acontece em cada língua. Assim como, em línguas orais é possível observar que, quando trocamos uma letra de uma determinada palavra, geralmente, forma-se uma nova palavra. Nas línguas de sinais quando trocamos um parâmetro, na simultaneidade constitutiva do sinal/gesto, surge um novo sinal/gesto. A esses dois sinais/gestos muito parecidos, diferentes por apenas um querema/parâmetro ou dois, nas línguas de sinais denominamos pares mínimos.

Pares mínimos são identificados tanto em Libras, como: PARAR/ESPERAR; SÁBADO/LARANJA; CHOCOLATE/NU; REUNIÃO/FAMÍLIA; quanto em LGP: AMARELO/ESCOLHER; É importante observar que, o fato de serem pares mínimos em uma língua de sinais não determina que será também em outra língua de sinais. Exemplo disso é que os sinais PARAR e ESPERAR são pares mínimos em Libras, contudo não o são em LGP.

Configurações de Mão (CM): Diferenças e semelhanças nas CM básicas

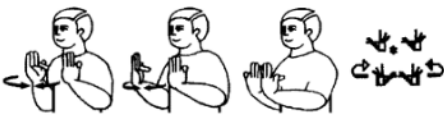
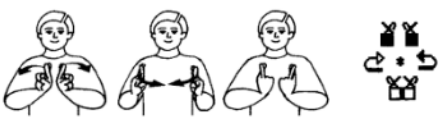
Este parâmetro constitutivo primário em línguas de sinais, nada mais é que a forma que a mão toma na hora da execução do sinal/gesto. Tendo em vista que as línguas estão em constante evolução, as CM não podem ser fixas ou estáticas na língua. Por isso, ao ponto em que a língua vai evoluindo, vão surgindo novas configurações de mão sendo usadas, visto que surgem também novos sinais/gestos todos os dias.

No Brasil inicialmente foram catalogadas 64 configurações de mão (Felipe, Monteiro, 2001) que aumentaram com o passar dos anos. O INES catalogou 79 CM. Em Portugal, de acordo com Ferreira (1991) é possível identificar 18 CM, Baltazar (2010) aponta 21, porém segundo Mineiro e Colaço (2010) há 76 CM. Ressalte-se que as CM catalogadas no Brasil contam as letras do alfabeto manual entre as configurações de mão, enquanto, os estudiosos portugueses Ferreira (1991) e Baltazar (2010), fazem a distinção, não listando letras do alfabeto manual como CM.



É necessário lembrar que trata-se de um parâmetro que por vezes é confundido com o alfabeto manual, entretanto, o parâmetro não se restringe às formas das mãos presentes no alfabeto manual. Neste sentido, a publicação do dicionário de configurações das mãos em Libras (Ferraz, 2019), organiza e cataloga os sinais em um sumário elaborado a partir deste parâmetro básico.

Há sinais/gestos que se diferenciam apenas pela CM. Em Libras os sinais FAMÍLIA e REUNIÃO, são executados tendo o mesmo ponto de articulação, o espaço neutro, ambos com movimento circular, mas que se diferem nas configurações de mão em F e em R.

FAMÍLIA	REUNIÃO
	

Fonte: Capovilla et al (2013).

Em LGP os gestos TOSSE e AMAR, se diferenciam pela CM, e pela ENM. O gesto TOSSE é descrito com a mão dominante em configuração em mão aberta, antebraço flectido e ligeiramente levantado com a mão sobre o peito, palma para o emissor e pontas dos dedos para o lado oposto. Enquanto o gesto AMAR é executado com a mão dominante em configuração de “punaise”, palma para o emissor, antebraço flectido para o lado oposto com o médio a tocar no peito. Tendo origem relacionada ao coração. Movimento de ligeira pressão da mão sobre o peito, em simultâneo com a inclinação da cabeça para o mesmo lado e acompanhado de expressão facial.

TOSSE	AMAR
	

Fonte: Ferreira (2011).



A comparação das Configurações de Mão básicas em Libras e LGP demonstra, portanto, a intersecção fascinante entre as necessidades biomecânicas e a evolução lexical independente. Verificamos que há um núcleo sólido de CM consideradas “não-marcadas” — aquelas mais fáceis de articular e perceber — que se manifestam de forma semelhante em ambas as línguas, o que sublinha uma tendência universal nas línguas de sinais. Contudo, as diferenças no inventário total, na frequência e na combinação de algumas CM mais específicas (ou “marcadas”) são as responsáveis por imprimir a marca identitária no léxico de cada língua. Este mapeamento minucioso das unidades fonológicas distintivas estabelece a fundação para a análise dos demais parâmetros, essenciais para a formação dos sinais, conduzindo-nos ao estudo do seu posicionamento no espaço, ou seja, ao Ponto de Articulação (PA).

Ponto de Articulação (PA): Variações nos locais de produção dos sinais/ gestos

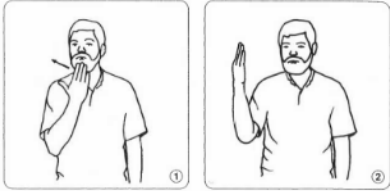
No que tange aos locais de produção de sinais/gestos são denominados na Libras (Ponto de Articulação ou locação) e na LGP, localização. Para Stokoe (1960) o parâmetro de localização, nada mais é que, o local no corpo ou no espaço onde o sinal/gesto é articulado, de forma simultânea aos demais parâmetros primários.

Trata-se de um dos parâmetros primários em ambas, assumindo na Libras a função de diferenciação de sinais, especificação de significado, base para a comunicação e na LGP da mesma forma.

São Pontos de Articulação em Libras: cabeça (testa, boca, nariz, orelhas), o tronco (peito, ombro), os braços, as mãos e o espaço neutro, que é a área à frente do corpo. Na LGP são os locais principais, como o tronco, a cabeça e o espaço neutro, ou subespaços mais específicos. Portanto, são correspondentes.

Nas duas línguas há sinais que se diferenciam apenas pelo Ponto de Articulação, como é o caso de OBRIGADO E PEDIR em LGP. O ponto de articulação de OBRIGADO é o queixo, enquanto o de PEDIR é a boca. Assim como, DESCULPA e PETRÓLEO, que um toca ao lado da boca e outro toca no nariz.



OBRIGADO	PEDIR
	
DESCULPA	PETRÓLEO
	

Fonte: Ferreira (2011)

E o caso de CHAVE e NEGRO em Libras que diferem apenas no Ponto de Articulação. CHAVE é um sinal executado no espaço neutro enquanto NEGRO é um sinal executado na lateral da testa.

CHAVE	NEGRO
	

Fonte: Capovilla et al (2013).

A análise comparativa do Ponto de Articulação (PA) revelou que, embora ambas as línguas utilizem os mesmos locais de articulação primários (corpo, cabeça, braços e espaço neutro), a frequência e as preferências regionais/lexicais desses pontos podem variar significativamente entre a Libras e a LGP. O PA é o segundo pilar fundamental na formação dos sinais e atua como um forte

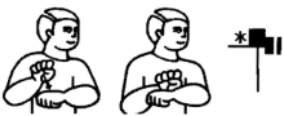


diferenciador lexical. O estudo demonstrou que um mesmo conceito pode ser sinalizado com a mesma Configuração de Mão (CM), mas em PA distintos nas duas línguas, resultando em sinais totalmente diferentes (ex: sinais articulados predominantemente na face em uma língua, e no peito na outra). Esta variação não é aleatória, mas sim sistemática, refletindo as convenções linguísticas próprias de cada comunidade. O entendimento profundo de como a Libras e a LGP exploram o espaço de sinalização é crucial para a compreensão do contraste lexical, estabelecendo a base para a próxima etapa da análise fonológica: a dinâmica e a trajetória do sinal através do Movimento (M).

Movimento (M) e Orientação (O): Casos onde um mesmo PA e CM geram sinais diferentes devido ao movimento

Nos sinais/gestos apresentados a seguir, observa-se a alteração no movimento gerando sinais diferentes em ambas as línguas de sinais.

Em Libras é possível perceber que os sinais “PARAR” e “ESPERAR” se diferenciam pelo fato de um ter movimento e outro não. Já nos sinais “TELEVISÃO” e “QUADRO”, há movimentos diferentes sendo um alternado e o outro retilíneo.

PARAR	ESPERAR
	
TELEVISÃO	QUADRO
	

Fonte: Capovilla et al (2013).



AMARELO	ESCOLHER
	

Fonte: Ferreira (2011)

Na LGP, da mesma forma, acontece com os sinais AMARELO e ESCOLHER, que se diferenciam apenas pelo movimento, sendo um lateral e outro frontal.

A exploração do Movimento (M) e da Orientação (O) conclui a análise fonológica manual, confirmando que estes são parâmetros de extrema produtividade lexical. Em diversos casos de pares mínimos entre a Libras e a LGP, a diferença semântica crucial reside numa nuance na trajetória, na velocidade ou na repetição do movimento, ou numa simples alteração na direção da palma ou dos dedos (O), mesmo quando a Configuração de Mão e o Ponto de Articulação são mantidos. A Orientação atua fortemente na marcação gramatical da direcionalidade (como no contraste entre sinais que indicam de/para quem a ação é direcionada), enquanto o Movimento introduz as variações mais dinâmicas e complexas. Tais achados solidificam a compreensão de que a divergência lexicográfica entre o Brasil e Portugal muitas vezes se manifesta na execução sutil desses parâmetros. Com o estudo das bases articulatórias manuais completo, o foco se desloca para o último, mas não menos essencial, parâmetro distintivo: as Expressões Não Manuais (ENM).

Expressões Não Manuais (ENM): O uso da boca (bocheio) e expressões faciais

As expressões não manuais (ENM), ainda que tido como parâmetro secundário, visto não constar como parâmetro nos estudos iniciais de Stokoe (1960), podem exercer funções gramaticais, expressivas e de intensificação, tornando-se assim, indispensável para a sintaxe e estrutura da frase, diferenciação lexical e modo verbal.



No nível de unidade mínima, na constituição do sinal, uma expressão facial, diferencia um sinal/gesto de outro, como é o caso de DEFENDER-SE e ESFORÇO. Semelhantemente, VERGONHA e EMBARAÇO, na intensificação muda o significado.

DEFENDER-SE	ESFORÇO/ ESFORÇADO/ESFORÇAR-SE
	
VERGONHA	EMBARAÇO / VEXAME
	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

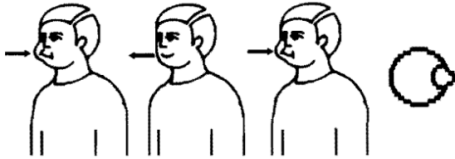
De forma similar, na LGP, os gestos ÁGUA e BEBER que se diferenciam pela mudança na expressão, sendo um com a boca aberta e outro com a boca fechada.

ÁGUA	BEBER
	

Fonte: Ferreira (2011).



Quanto as ENMs com o uso da boca (bocheio), é possível observar o sinal SEXO em Libras, que pode ser executado apenas com o uso da boca (bocheio). E o gesto para ENGORDAR em LGP que tem no bocheio uma forma de complementar o significado do gesto.

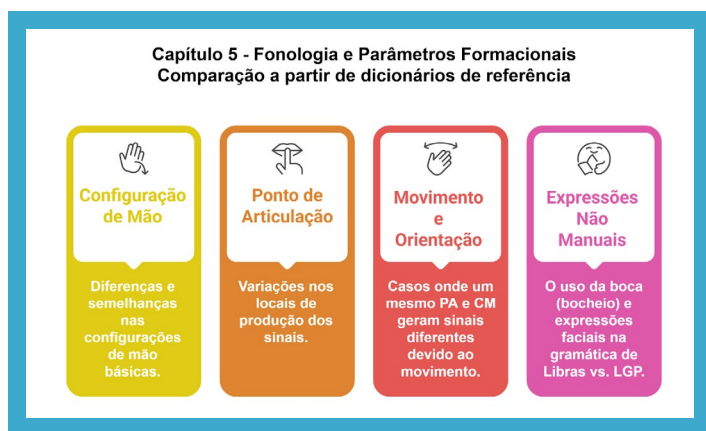
Libras	LGP
SEXO	ENGORDAR
	
CABELUDO	MACACO
	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015); Ferreira (2011).

Vale notar que não foi encontrado no Gestuário de Língua Gestual Portuguesa nenhum gesto feito apenas com o bocheio, como acontece na Libras.



Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).

Desta forma, fica claro que a diferença entre o léxico das duas línguas não se restringe à mão, mas permeia todo o corpo, sendo o rosto uma área altamente produtiva de contraste. Com a conclusão da análise fonológica de todos os parâmetros formacionais (CM, PA, M, O e ENM), a Parte II estabeleceu as bases estruturais que sustentam a divergência lexicográfica, permitindo-nos avançar para a análise das unidades maiores: a Lexicologia e Morfologia (Capítulo 6).



LEXICOLOGIA, MORFOLOGIA E LEXICOGRAFIA

A lexicologia é um ramo da linguística que estuda o léxico (o conjunto de palavras/sinais/gestos) de uma língua, analisando aspectos etimológicos (origem), morfológicos (estrutura), semânticos (significado) e uso. Enquanto a lexicografia preocupa-se em organizar/registrar esse conhecimento em dicionários.

Neste capítulo faremos o paralelo dos processos que modificam um sinal/gesto de forma a criar um outro sinal/gesto. Aspectos morfológicos e lexicais serão postos lado a lado possibilitando diferenciar os processos de criação de novos sinais sustentados em estudos comparativos com ASL, LSF e Libras (Klima & Bellugi; Brentari; Sandler & Lillo-Martin), que apresentam princípios morfológicos compartilhados entre línguas gestuais. Para isto, serão utilizados como fonte primária trechos de entrevista realizada com o coordenador adjunto do Projeto de elaboração do Gestuário de Língua Gestual Portuguesa e como fontes secundárias dois dicionários de referência, sendo um do Brasil e o outro de Portugal.

Formação de sinais: Processos morfológicos em ambas as línguas

Os estudos linguísticos sobre a LGP confirmam que tanto a composição quanto a derivação são processos morfológicos adotados pela língua, com particularidades próprias das línguas gestuais: A composição combina dois sinais independentes, formando novos lexemas. A derivação ocorre por modificação paramétrica sistemática, atuando na mudança de classe gramatical, aspecto verbal, intensidade e valência. Esses processos correspondem funcionalmente aos sistemas morfológicos encontrados noutras línguas de sinais/gestuais (ASL, Libras, LSF).



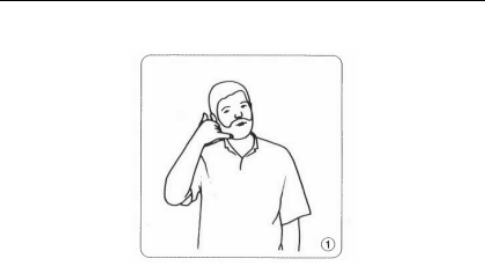
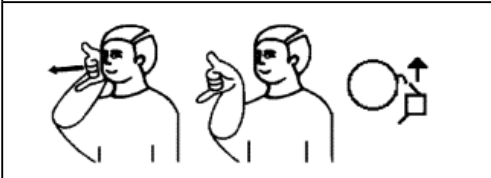
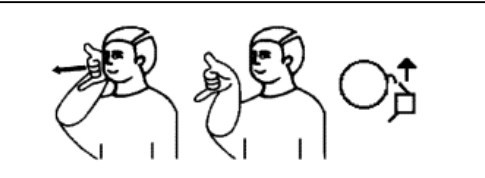
Sinais compostos e derivação: Como novos sinais são criados em cada língua

A derivação em LGP e na Libras não se baseiam em afixos segmentáveis como nas línguas orais, mas na modificação sistemática de parâmetros do sinal.

“Na LGP, a derivação manifesta-se predominantemente através da alteração dos parâmetros do sinal — movimento, orientação e configuração — que funcionam como operadores morfológicos derivacionais.” (Rodrigues, 2015, p. 112).

Os recursos para a derivação na LGP são descritos por (Morgado e Brito, 2020) como o redobro (FELIZ/FELICIDADE), a repetição rápida com incorporação de expressão (COMER/COMILÃO; COMUNICAR/COMUNICATIVO), repetição de movimento (PERFUME/PERFUMAR) ou repetição com maior amplitude de movimento (BARCO/ANDAR DE BARCO), a adição ou subtração de parâmetro (TELEFONE/TELEFONAR; FOTOGRAFAR/FOTÓGRAFO) e a alteração de parâmetro formacional com adição ou não de expressão (SONHAR/SONHADOR; FALAR/FALADOR).

SINAIS/GESTOS DERIVADOS

Libras	LGP
TELEFONE	TELEFONE
	
TELEFONAR	TELEFONAR
	

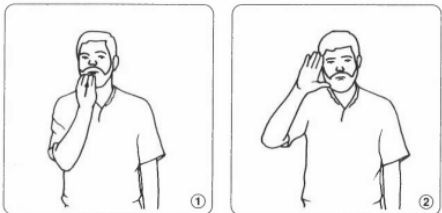
Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015); Ferreira (2011).



“Não se observam, na LGP, afixos manuais equivalentes aos das línguas orais; contudo, a modificação interna do sinal constitui um mecanismo derivacional produtivo, especialmente na formação de verbos a partir de nomes e vice-versa.” (Mineiro, 2020, p. 90). Observa-se no exemplo de TELEFONAR tanto em Libras como em LGP;

A composição é um mecanismo por meio do qual, a junção de dois sinais/gestos combinam-se para formar um novo. Em línguas gestuais, essa combinação pode ocorrer simultaneamente ou sequencialmente, podendo envolver: aglutinação de configurações de mão, sobreposição de movimentos. Como corrobora Mineiro (2020, p. 87) “na LGP, tal como noutras línguas gestuais, a composição consiste na combinação de dois sinais autónomos que, quando produzidos sequencialmente ou simultaneamente, formam uma nova unidade lexical.” É o caso do sinal ALMOÇO-ALMOÇAR constituído pela junção dos sinais COMER+MEIA-DIA em Libras e o mesmo acontece no gesto ALMOÇO-ALMOÇAR sendo a junção dos gestos COMER+TARDE.

SINAIS/GESTOS COMPOSTOS

Libras	LGP
ALMOÇO-ALMOÇAR	ALMOÇO-ALMOÇAR
	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015); Ferreira (2011).

Marcação de gênero e número: Análise comparativa das estratégias gramaticais

Quanto à marcação de gênero e número, cada língua adota estratégias que se aproximam no nível da iconicidade e visualidade. A marcação de gênero em ambas, Libras e LGP, adotam como regra geral, o sinal/gesto HOMEM e o sinal/gesto MULHER para identificação. Porém na LGP, é comum acrescentar apenas quando se trata do feminino, o sinal MULHER. Como pode-se observar



no quadro abaixo, os dicionários das duas línguas apresentam os sinais com o gênero neutro, portanto, podendo ser adicionado no uso de acordo com o contexto.

Libras	LGP
SOBRINHO	SOBRINHO
	
SOGRO	SOGRO
	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015); Ferreira (2011).

Assim, como em línguas orais, as línguas de sinais diferenciam sinais/ gestos para o gênero de alguns animais como: VACA-BOI; CABRA-BODE. O quadro abaixo apresenta as variações de sinais para VACA-BOI que ocorrem no Brasil. Há lugares que usam o mesmo sinal, supõe-se que acrescentando o sinal de HOMEM-MULHER. Há lugares que se diferenciam para VACA-LEITE. E há ainda o sinal de TOURO, que usa a simetria da CM com o movimento da chifrada.



VACA	BOI
	
	
TOURO	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

Na LGP os gestos VACA-BOI se diferenciam pelo ponto de articulação.

VACA	BOI
Verbetes não catalogado	 ①  ②
TOURO	Verbetes não catalogado

Fonte: Ferreira (2011).

As variações para CABRA-BODE apontam para a ideia que é admitido o uso seguindo a regra geral em algumas regiões e que há diferença na CM em outra variação, sendo assim, sinais específicos para cada gênero.



CABRA	BODE
	
	
	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

Uma exceção identificada no gestuário da LGP é o caso dos gestos AVÔ e AVÓ que o gênero se diferencia pela posição da boca que desenha o “Ô fechado” para AVÔ e desenha o “Ó aberto” para AVÓ.

AVÔ	AVÓ
 	 

Fonte: Ferreira (2011).

O plural na LGP acontece por meio da incorporação, repetição de movimento e redobro do movimento. A incorporação, sendo o nome seguido do numeral em caso de quantidades contáveis, exemplo BOLA-TRÊS ou, em caso de quantidades difíceis de contar, através da incorporação de um advérbio de quantidade, exemplo ALUNO-MUITOS; a repetição do movimento, num



“movimento regular e contínuo em que não se verificam alterações na configuração, localização e orientação da mão”, exemplo ÁRVORE; e o redobro, que consiste na repetição do gesto realizado com a mão dominante pela mão não dominante, exemplo PESSOAS (Amaral et al, 1994, p. 94).

Sinais Indexicais e Pronomes: Comparação do sistema pronominal

Os sinais de apontação constituem o núcleo do sistema de referência pronominal. Cormier, Schembri e Woll (2013) sintetizam essa descoberta ao afirmar que “os sinais de apontar são usados para referência pronominal (entre muitas outras funções) nas línguas de sinais”, destacando que tais sinais atuam de maneira sistemática e não meramente gestual.

Para Meier e Lillo-Martin (2013/2017), a centralidade da indexicalidade é um consenso consolidado: “As línguas de sinais exibem uma variedade de sinais apontadores que servem às funções de pronomes dêíticos e anafóricos, pronomes possessivos e reflexivos, demonstrativos, locativos, determinantes.....”. Essa multiplicidade demonstra que, ao contrário das línguas orais, nas quais há formas lexicalmente delimitadas, nas línguas sinalizadas a função gramatical emerge da orientação espacial, direção do apontamento e localização discursiva do referente.

No caso específico da Libras, Moreira (2007) confirma que a dêixis pessoal se organiza em torno de dois mecanismos primários: “a dêixis de pessoa é realizada substancialmente por meio de dois tipos de sinais de apontamento: os pronomes pessoais e os verbos indicadores”. A autora também sistematiza diferenças formais cruciais, como o contraste entre primeira e não-primeira pessoas: “as formas de primeira pessoa (...) apontam para o corpo do sinalizador, enquanto as de não-primeira pessoa apontam para fora do sinalizador”, evidenciando um padrão fonológico estável.

Silva (2021) amplia esse panorama ao mostrar que a apontação em Libras não se limita aos pronomes pessoais, mas compõe um conjunto mais amplo de categorias funcionais. O autor destaca que “os sinais de apontação em Libras podem veicular funções de diferentes categorias morfológicas, a saber, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos, advérbios de lugar e artigos”, sugerindo que parte desses usos pode estar em processo de gramaticalização,

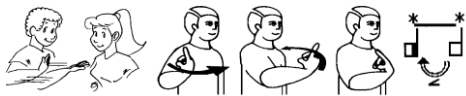


como indica a observação de que “o artigo definido em Libras possa ter se gramaticalizado a partir do pronome de 3ª pessoa”.

Por fim, a literatura converge para a ideia de que os pronomes em línguas de sinais são intrinsecamente espaciais, indexicais e discursivamente ancorados, o que explica a dificuldade de enquadrá-los em categorias das línguas orais.

A pesquisa sobre sinais indexicais e pronomes em LGP demonstra que os apontamentos constituem um recurso central de referência. O espaço sintático funciona como “uma moldura tridimensional [...] onde a referência se faz” (Morgado, 2022), permitindo a atribuição de lócus a referentes para uso anafórico.

Tradicionalmente parte-se do básico, que na Libras, o conjunto de pronomes pessoais se distingue em três pessoas (primeira, segunda e terceira) e em três números (singular, dual e múltiplo/mais de dois). O sistema pronominal não apresenta marcação de gênero, embora os pronomes de terceira pessoa possam ser precedidos de sinais que apontam para os gêneros MASCULINO e FEMININO. Nesse sentido, buscou-se observar a presença de pronomes pessoais nos dicionários (Brasil-Portugal).

PRONOMES	LIBRAS	LGP
EU		verbetes não catalogado
VOCÊ/TU		verbetes não catalogado
ELE/ELA		verbetes não catalogado
NÓS (TODOS)		verbetes não catalogado



NÓS (DOIS)	verbeta não catalogado	verbeta não catalogado
NÓS (TRÊS)	verbeta não catalogado	verbeta não catalogado
NÓS (QUATRO)	verbeta não catalogado	verbeta não catalogado
VOCÊS	verbeta não catalogado	verbeta não catalogado
ELES/ELAS		verbeta não catalogado

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013); Ferreira (2011).

Analisando a Libras e LGP, Amaral (2023) produziu o quadro abaixo que descreve sinais/gestos básicos para pronomes pessoais nas duas línguas.

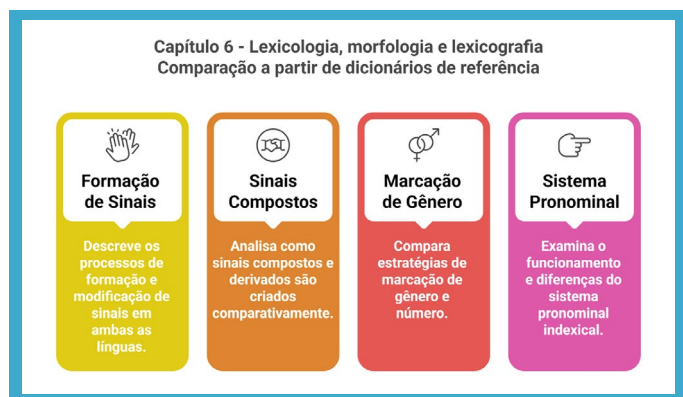
Pronomes	Libras	Língua Gestual Portuguesa
Eu	Mão aponta para o locutor.	Mão aponta para o locutor.
Tu/Você	Mão aponta para a pessoa com quem se fala.	Mão aponta para a pessoa com quem se fala.
Ele/ela (quando a pessoa a quem se refere está presente)	Mão aponta para o referente.	Mão aponta para o referente.
Ele/ela (quando a pessoa a quem se refere não estiver presente)	Mão aponta para um espaço, delimitando aquele espaço específico para o referente ausente.	Mão em configuração B da LGP aponta para trás, acima do ombro, ou mão aponta para um espaço, delimitando aquele espaço específico para o referente ausente.
Nós (quando forem até quatro pessoas)	Sinal repetitivo que aponta ora para o locutor, ora para o(s) interlocutor(es) - incorporação de numeral.	Sinal repetitivo que aponta ora para o locutor, ora para o(s) interlocutor(es) - incorporação de numeral.
Nós (acima de quatro pessoas)	Configuração G1 em movimento circular para a frente, palma da mão para baixo + “grupo”.	Configuração Indicar em movimento circular, tendo o peito do locutor como pontos de partida e chegada da mão.
Vós/vocês	Mão aponta para o grupo com o qual se fala.	Mão aponta para o grupo em movimento circular repetido.
Eles/elas	Mão aponta para os referentes.	Mão com dedos abertos em movimentos circulares.

Fonte: Extraído de Amaral (2023).



Assim, observa-se que os estudos nos dois países convergem em relação à complexidade de determinar funções gramaticais para a apontação que tende a ser usada em várias funções nas duas línguas.

Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



SINTAXE E ORDEM FRASAL

Para que uma mensagem seja compreendida em determinada língua, seja ela oral ou gestual, é necessário observar a estrutura ou a forma que essa língua se organiza. Nos estudos gramaticais, a sintaxe, se ocupa das regras e da estrutura da língua, focando em como sinais/gestos se organizam simultaneamente para formar frases, orações e períodos com coerência. Neste capítulo vamos observar como acontece o uso do espaço, a ordem das frases e o uso de classificadores em Libras e em LGP.

O Uso do espaço: Comparação da função e marcação do espaço tridimensional

Os estudos sobre a gramaticalidade na LGP realizados por Amaral et al (1994) e Bettencourt (2015) e na Libras por Ferreira Brito (1995) e Quadros e Karnopp (2004) trazem sustentação a esta análise comparativa. Os autores corroboram que o espaço sintático fica em frente ao sinalizante/gestualante e que é neste espaço onde acontece a produção simultânea e tridimensional dos enunciados, do mais simples aos mais complexos, envolvendo assim, aspectos morfológicos e sintáticos.

Neste espaço de produção discursiva o sinalizante/gestualante é a primeira pessoa do discurso e produz representações à sua frente para as outras pessoas gramaticais. “Se o referente estiver presente, o sinal/gesto será dirigido na sua direção; se entretanto se ausentar, o lócus passará a ser o espaço antes ocupado por ele” (Amaral *et al*, 1994: 122-123).



Ordem básica das palavras: Análise de como a Libras e a LGP organizam suas frases

Ferreira-Brito (1995) afirma que “a estrutura das frases em Libras evidencia que a ordem básica tende a ser SVO” (Ferreira-Brito, 1995, p. 42), embora reconheça certa flexibilidade. Estudos posteriores confirmam essa tendência. Quadros (1999) observa que “a ordem SVO é predominante, mas variantes como SOV e OSV podem ocorrer dependendo do contexto discursivo” (Quadros, 1999, p. 18). Quadros e Karnopp (2004) enfatizam que “a variabilidade na ordem resulta de mecanismos gramaticais, expressões não-manual e marcação de foco” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 55). Pesquisas de corpus recentes, como Royer (2019), indicam que “a ordem SVO predomina em sentenças com verbos transitivos, embora variações apareçam em contextos de topicalização ou com verbos complexos” (Royer, 2019, p. 102).

Os estudos sobre a ordem de frase na LGP evoluíram desde a publicação de *Para uma Gramática da Língua Gestual Portuguesa* (Amaral, Coutinho & Delgado Martins, 1994). Nesse trabalho pioneiro, os autores identificaram como tendência a ordem SOV, reconhecendo, contudo, ampla variação para outras configurações, como OSV. Pesquisas posteriores aprofundaram essa discussão, evidenciando que a LGP, enquanto língua visuoespacial, articula simultaneidade, uso do espaço sintático, apontadores e topicalização, o que reduz a relevância de uma linearidade rígida. Estudos empíricos, como o de Bettencourt (2015), demonstraram que a LGP apresenta múltiplas ordens possíveis (SOV, OSV, SVO, OVS, entre outras), dependentes de fatores discursivos, pragmáticos e do tipo de verbo. Contribuições recentes através de Morgado e Brito (2020) confirmam que a língua possui padrões preferenciais, mas não uma ordem fixa universal. Assim, o consenso atual aponta para uma gramática flexível, em que a ordem dos constituintes interage com estratégias espaciais e mecanismos morfossintáticos próprios das línguas gestuais.

Classificadores: Tipos, funções e diferenças no uso dos classificadores em Libras vs. LGP

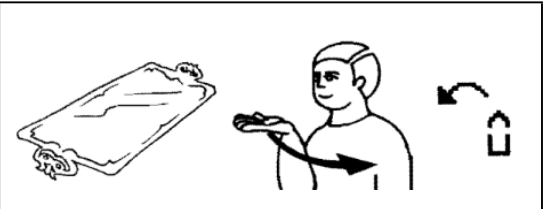
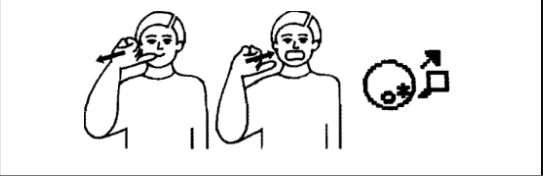
Tanto em Libras quanto em LGP os classificadores são marcadores de concordância que descrevem características do referente e como verbos para



expressar ações. Trata-se de CMs que incorporam uma visualidade com o objetivo de dar maior clareza visual à mensagem.

Classificadores em Línguas de sinais/gestuais podem descrever: Forma, tamanho e características: de pessoas, animais, objetos ou lugares; Textura: Textura de objetos; Orientação: a configuração da mão e a sua orientação no espaço podem indicar como um objeto se posiciona ou se move; Movimento: a forma como algo cai, se abre ou se move no espaço; Número: múltiplos objetos ou indicar o número de algo; Ação verbal: Funcionam como um tipo de verbo que expressa uma ação, concordando com o sujeito ou objeto da frase. É possível expressar tudo isso no espaço tridimensional expressando a visualidade.

CLASSIFICADORES NA LIBRAS

BANDEJA	
CABELO CACHEADO	
CACHIMBO	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

Por exemplo, em Libras, para sinalizar BANDEJA, a forma que a mão toma, lembra o garçom servindo, funcionando como um classificador, por possibilitar uma descrição visual. Assim, fica fácil identificar que se trata de uma bandeja. Da mesma maneira, com o CABELO CACHEADO e o CACHIMBO.



VERBOS CLASSIFICADORES NA LIBRAS E NA LGP

FECHAR A PORTA/JANELA	
ABRIR A PORTA/JANELA	
VOAR (PÁSSARO)	
VOAR (AVIÃO)	

Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015); Ferreira (2011).

Nesta análise é possível observar que a visualidade através dos classificadores em ambas as línguas de sinais facilita a comunicação dos sinalizantes/gestuentes brasileiros e portugueses em contatos internacionais.



Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



PARTE III: CULTURA E VARIAÇÃO

(CONTEXTO SOCIAL)

Esta seção da obra é fundamental para entender que as línguas de sinais não são blocos estáticos, mas organismos vivos moldados pelo chão que os sinalizadores pisam e pelas mãos que os articulam. A Parte III, Cultura e Variação (Contexto Social), mergulha na alma sociolinguística da Libras e da LGP, desmistificando a ideia de uniformidade e explorando como o encontro entre essas duas línguas acontece na prática.

VARIAÇÕES REGIONAIS E SOCIAIS

Nas línguas de sinais, assim como, nas línguas orais, falantes/sinalizantes/gestuanes carregam, na forma de se comunicar, os traços da sua cultura e maneira de viver. Entre os países da CPLP é nítida a diferença de sotaques, a forma de falar o português e vários termos para um mesmo significado. Um exemplo, fácil se dá quando pensamos que no Brasil o transporte alternativo é “onibus” e em Portugal é “autocarro”. Podemos, assim, inferir que a língua é a mesma, porém, com variações linguísticas.

Segundo Tarallo (1997) “[...] variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. De forma que, as variações linguísticas não acontecem apenas de um país para outro, mas de uma comunidade para outra, inclusive, geograficamente, próximas. Assim, esse fenômeno linguístico também é observado entre as línguas de sinais que se influenciam entre si e apresentam variações linguísticas em vários níveis.

Variações na Libras

A proposta de pesquisa que deu origem ao dicionário brasileiro traz a perspectiva de catalogar as variações linguísticas do país. Portanto, neste material é comum encontrar verbetes identificando a variação por região.



VARIAÇÕES DIATÓPICAS NO BRASIL

TERMO	VARIAÇÃO (1)	VARIAÇÃO (2)
ESFORÇAR	SP-MG 	RJ-RS 
BANDEIRA	SP, MS, SC, CE, PB, RS 	RJ, SP, MG, RS 
CACHORRO	SP, MS, DF, PR, MG, SC, RJ, PB, CE, BA 	MG 

Fonte: Capovilla (2019).

O sinal **ESFORÇAR** apresenta a variação 1 usada em São Paulo e Mato Grosso do Sul, e a variação 2 usada no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

O sinal **BANDEIRA** apresenta duas variações. A variação 1 é usada em seis estados (São Paulo, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Sul). Já a variação 2 é usada em 4 estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul).

O sinal **CACHORRO** é bem consolidado no país, visto que, em dez estados é adotado. Sendo a variação 2 usada apenas em Minas Gerais.

Esses exemplos de três variações diatópicas no Brasil, foram selecionados por serem bem conhecidos e para reconhecer a relevância desse tipo de informação para os estudos diacrônicos da língua.

Variações na LGP

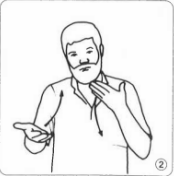
O Projeto do Gestuário de Língua Gestual Portuguesa foi elaborado com a perspectiva de selecionar um sinal apenas entre as variações usadas nas diversas regiões do país.



Foi, eles negociaram, e a comunidade surda a negociar. Porque a nossa metodologia era assim, não se entendia aqui, tem uma semana vão para suas organizações e eu não vou perder tempo., ou na próxima semana tem consenso ou esse gesto, essa palavra sai fora. Não vou perder tempo. É essa cara! Se não, nunca mais. Porque que foram conquistadas estas palavras todas estão aqui. Sim. Porque são as palavras que eu tenho em estudo também que na minha vida toda talvez eh o maior só tem só uso o máximo 400 palavras. Sim. Normalmente. É na base dessas. Adalberto Fernandes Entrevista, em 18 nov 2025.

Portanto, para apresentar outra variação serão utilizados dois dicionários de LGP, Ferreira (1991) e Baltazar (2010).

VARIAÇÕES REGIONAIS EM PORTUGAL

TERMO	VARIAÇÃO (1)	VARIAÇÃO (2)
CONVERSAR	  	
BOI	 	
ESQUECER	 	

Fonte: Ferreira (2011) e Baltazar (2010).



Influência do Português Oral/Escrito: Análise do empréstimo lexical (inicialização) e seu uso em cada comunidade

As línguas orais se atravessam adotando estrangeirismos, como existem tantos exemplos no português Oral/Escrito adotados a partir da influência americana, como notebook, pen drive, smartphone e tantos outros. Da mesma maneira, entre a língua oral/escrita e a língua de sinais há os empréstimos linguísticos. O sinal “Brasil” da Libras constitui um empréstimo linguístico tendo em vista que utiliza a CM em “B” uma letra da língua portuguesa. Já o gesto para “Brasil” em LGP indica a relação com o samba, ritmo típico da cultura brasileira conhecido no mundo todo. Há consenso em que os empréstimos da língua oral/escrita para línguas de sinais ocorrem frequentemente por contato geográfico/social (a língua com maior contato é a maior “doadora” de empréstimos). Entenda melhor a seguir:

Influência do Português Oral/Escrito no empréstimo
lexical por inicialização em Libras e LGP

ASPECTO	LIBRAS (BRASIL)	LGP – LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA (PORTUGAL)
Definição de inicialização	Uso da configuração de mão correspondente à letra inicial da palavra em português.	Uso ocasional da letra inicial do equivalente em português europeu, com baixa produtividade.
Frequência	Alta; mecanismo amplamente registrado na literatura.	Média a baixa; fenômeno pontual.
Motivação sociolinguística	Forte influência do português escrito na escolarização e em materiais pedagógicos.	Predomínio de estruturas iconicamente motivadas; o português exerce influência menor na formação de sinais.
Exemplos típicos	“C” para <i>casa</i> , <i>curso</i> , <i>cidade</i> ; “L” para <i>lição</i> , <i>livro</i> , <i>Libras</i> .	Exemplos pontuais como “F” para <i>família</i> em alguns contextos regionais.
Áreas de maior ocorrência	Educação, tecnologia, religião, siglas e nomes próprios.	Instituições, ensino formal e siglas.
Atitude da comunidade	Geralmente bem-aceito, apesar de críticas sobre possível portugalização excessiva.	Preferência comunitária por sinais não inicializados; inicialização menos valorizada.



Presença em dicionários	Forte presença em DEIT-Libras, Capovilla & Raphael e dicionários regionais.	Ocorrência dispersa e menos sistematizada em dicionários e corpora de LGP.
Relação com datilologia	Forte relação: muitos sinais inicializados derivam da soletração.	Relação fraca; datilologia nem sempre origina sinais lexicalizados.
Impacto fonológico	Configuração de mão inicial atua como morfema produtivo.	Baixo impacto; inicialização não se torna elemento derivacional.

Fonte: Elaboração própria com base em Machado (2022), Fernandes (2019), Silva (2012) e literatura especializada em Libras e LGP.

Dito isto, retoma-se a discussão iniciada no capítulo cinco envolvendo aspectos fonológicos a respeito da tendência de confundir alfabeto manual e configuração de mão. Neste sentido, por meio do empréstimo linguístico, de fato, as letras do alfabeto manual acabam por assumir função de configuração de mão com tendência à chamada portuguesização excessiva da língua de sinais.

Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



COMUNICAÇÃO INTERMEDIÁRIA

A identidade surda, segundo Strobel (2008), é construída socialmente dentro das representações culturais; há lutas políticas por reconhecimento e por não ser reduzido à condição médica. A pertença ao “povo surdo” é muitas vezes marcada pelo uso da língua de sinais e por práticas culturais específicas. Em contextos históricos adversos como a predominância do oralismo “a língua de sinais [...] sobreviveu graças à resistência” (Strobel, 2008, p.61). O povo surdo tem na língua de sinais a possibilidade natural de transmissão de conhecimentos da cultura e identidade visual que resistiu e mantém a luta por políticas linguísticas e educação bilíngue.

Em momentos históricos de lutas por políticas linguísticas surgiram a Federação Mundial de Surdos e as federações de surdos em cada país, que, por sua vez, incentivaram a criação de associações de surdos locais.



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

No Brasil a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS e em Portugal a Federação Portuguesa das Associações de Surdos - FPAS.





Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2015).

A forma como as línguas têm sua dinâmica própria que está relacionada aos aspectos culturais e históricos tornam cada língua um sistema de significados único. Entretanto, a era digital traz avanços e possibilidades diversas nessa dinâmica. Intensificando as trocas culturais e atravessando as línguas.

É comum encontrar surdos de países diferentes se comunicando entre si. Tornando esse um tema interessante para discutir e aprofundar. Vez ou outra encontramos nas redes sociais criadores de conteúdo digital apresentando sinais/gestos de várias línguas de sinais diferentes. Este capítulo aborda aspectos da comunicação intermediária entre a Libras e a LGP, desde as estratégias de comunicação, seja de maneira informal, como um bate papo em redes sociais a eventos com diferentes comunidades linguísticas em contexto internacional.

Estratégias de comunicação entre usuários de Libras e LGP

Para que haja a comunicação intermediária entre Libras e LGP, apresentamos técnicas e estratégias de comunicação apontadas em estudos recentes classificadas como culturais e tecnológicas, linguísticas e pedagógicas.

Estratégias culturais e tecnológicas como “desenvolver aplicativos e plataformas digitais que promovam a tradução automática e o ensino online das duas línguas de sinais” (Fonseca, 2024, p.12-15) expandem as possibilidades de comunicação internacional. Como exemplo destacamos o site *spreadthesign* produzido e administrado pela organização sem fins lucrativos *European Sign Language Centre* que documentaram mais de 600.000 sinais/gestos de línguas de sinais de 44 países.

Estratégias linguísticas como “promover o ensino comparado das estruturas morfológicas e sintáticas das duas línguas, destacando suas semelhanças



e diferenças [...] ajudando no reconhecimento de padrões interculturais” (Quadros; Karnopp, 2004), para “[...] comparar o léxico e a iconicidade dos sinais, desenvolvendo habilidades de tradução direta e contextual [...]” (Farias-Nascimento, 2019, p. 111) e “[...] compreender variações fonológicas diacrônicas [...]” (Gonçalves, 2022, p. 180).

Além disso, técnicas pedagógicas como “adotar o ensino simultâneo de LGP, Libras e a língua portuguesa escrita, permitindo que os alunos surdos acessem conteúdos de diferentes formas e possam exercer a tradução entre línguas de sinais e línguas orais de apoio” (Ramos, 2023, p. 6) facilitam ainda mais a comunicação entre estes sinalizantes.

O conceito de Língua de Sinais Internacional (LSI) e seu uso

O Gestuno, é descrito como um sistema sinalizado de base gestual-visual, de carácter predominantemente planejado, que busca viabilizar a comunicação entre surdos de diferentes comunidades linguísticas em eventos transnacionais, especialmente congressos da Federação Mundial de Surdos (WFD) e encontros internacionais. É comum o uso desse termo “Gestuno” para designar uma proposta inicial de língua de sinais internacionais difundida pela Federação Mundial de Surdos a partir da década de 1950, concebida como um vocabulário padronizado para encontros internacionais.

No Brasil, é mais difundido o conceito de Sinais Internacionais (IS) ou “Sinais Internacionais” como “um sistema pré-estabelecido de sinais usados e reconhecidos internacionalmente”, enfatizando que se trata de um conjunto de sinais recorrentes, mobilizado por surdos em contextos multilíngues, e não de uma língua nacional com comunidade estável de usuários nativos.

Em Portugal, o conceito de “Língua Gestual Internacional” mais recorrente é de uma forma de comunicação gestual internacional, com traços de língua planificada, aproximando-a, em termos de finalidade, de projetos como o esperanto, mas sublinhando que sua estrutura decorre principalmente de práticas de contatos entre línguas de línguas europeias e de convenções emergentes na comunidade surda internacional.



Estudos recentes tendem à designação International Sign (IS/Sinais preferem Internacionais), argumentando que o sistema efetivamente usado hoje é menos rigidamente padronizado do que o Gestuno original.

Em relação ao uso em contextos internacionais, pesquisas no Brasil sobre intérpretes surdos descrevendo o uso de Sinal Internacional em congressos internacionais, enfatizando que intérpretes surdos especializados recorreram a um repertório de sinais amplamente reconhecidos, a estratégias de iconidade aumentada e à redução de estruturas gramaticais complexas para tornar a mensagem acessível a participantes de diversas origens linguísticas.

Em relatos de eventos acadêmicos internacionais de língua de sinais e de léxicos em STEM, o LSI aparece como recurso fundamental para a circulação de conhecimento entre comunidades surdas, permitindo que participantes que usam Libras, ASL e outras línguas de sinais compartilhem conceitos científicos por meio de um conjunto negociado de sinais e explicados visuais.

Quanto ao uso em Portugal e no contexto lusófono, documentos de congressos e relatórios portugueses mencionam o recurso à “Língua Gestual Internacional” em serviços de acessibilidade (por exemplo, visitas guiadas em museus, congressos e eventos de intérpretes), onde intérpretes de LGP com formação específica em LSI atendem públicos surdos internacionais.

Trabalhos de mestrado em universidades portuguesas tratam a existência de uma língua gestual internacional ou de um sistema internacional de sinais como um interesse ligado ao contato de línguas gestuais, ressaltando seu caráter artificial ou planejado e discutindo em que medida se pode falar em língua plena ou em código auxiliar.

Há críticas e limites em relação ao conceito como, autores brasileiros e lusófonos alertam que chamar a LSI de “língua universal de sinais” reforça um mito muito difuso sobre a suposta universalidade das línguas de sinais, eliminando as diferenças estruturais e culturais entre Libras, LGP, ASL e outras, e sugerem que o termo seja usado com cautela, destacando sua função específica em contextos internacionais e seu caráter parcialmente convencionalizado.

A literatura também observa que a proficiência em LSI costuma se concentrar em surdos com forte experiência de participação em redes internacionais, o que cria assimetrias de acesso entre surdos com e sem oportunidades de mobilidade transnacional, além de apontar desafios para a formação de intérpretes surdos e ouvintes que atuam nesse espaço.



Mitos e dificuldades na interpretação (Libras-Português-LGP)

O processo de interpretação entre línguas de sinais e línguas orais, como Libras-Português e LGP-Português, é historicamente permeado por concepções equivocadas e desafios estruturais que impactam tanto a prática profissional quanto a compreensão social dessa atividade. Diversos estudos apontam que a interpretação intermodal, por transitar entre modalidades linguísticas distintas, implica um grau elevado de complexidade cognitiva, muito superior àquele observado em interpretações intramodais. Nesse sentido, Souza (2016, p. 41) afirma que “a interpretação intermodal, ao transitar entre línguas de diferentes modalidades, impõe ao intérprete uma sobrecarga cognitiva superior àquela presente em traduções intramodais”.

Entre os mitos mais frequentes, destaca-se a ideia de que a interpretação da Libras para o português seria inerentemente mais difícil do que realizar o percurso inverso. Outro mito diz respeito à percepção social da profissão. Ainda é comum que se atribua à interpretação em línguas de sinais um caráter assistencialista, entendendo-a como um ato caritativo ou uma habilidade simples, baseada na mímica ou na imitação de gestos. Machado (2011, p. 45) observa que muitos “consideram a interpretação de língua de sinais como um serviço caritativo ou uma habilidade simples, comparável à mímica”, o que evidencia a persistência de compreensões equivocadas e de cunho depreciativo sobre o trabalho técnico e especializado dos intérpretes.

No campo das dificuldades reais, estudos brasileiros e portugueses convergem ao apontar tanto fatores linguísticos quanto institucionais. Moura (2024, p. 9) destaca que “a interpretação educacional na educação superior é complexa e seus desafios são, essencialmente, técnicos [...] e contextuais”, indicando que a atuação em ambientes acadêmicos envolve demandas que ultrapassam o domínio linguístico e exigem formação sólida, preparação terminológica e conhecimento do conteúdo disciplinar. Em Portugal, Lourenço (2021, p. 2) reforça que tais dificuldades se agravam em contextos especializados, afirmando que “haverá certamente maior dificuldade em áreas onde a terminologia seja muito específica ou não exista tempo de preparação”.

Do ponto de vista estritamente linguístico, as diferenças estruturais e lexicais entre Libras e LGP, embora apresentem organização fonológica semelhante, geram desafios relevantes na mediação entre estas línguas e o



português. Correia, Silva e Campos (2022, p. 13) ressaltam que “o que distingue os idiomas centra-se no léxico e na representação visual dos referentes extralinguísticos”, elementos que podem demandar estratégias interpretativas distintas e sensibilidade intercultural.

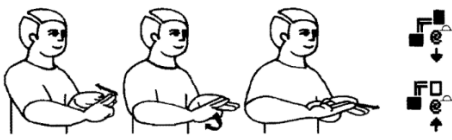
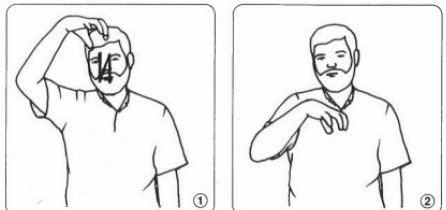
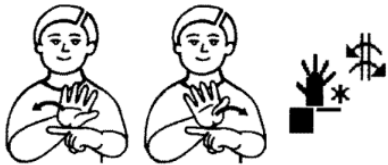
Finalmente, é importante destacar que vários mitos surgem precisamente pela falta de compreensão desse conjunto de dificuldades reais. Como afirma Torres (2019, p. 37), “a crença de que o intérprete apenas ‘repete’ o que é dito revela desconhecimento sobre a complexidade cognitiva e linguística envolvida no processo tradutório”, evidenciando o descompasso entre o trabalho profissional e as expectativas leigas.

Assim, observa-se que os mitos que circundam a interpretação em Libras-Português e LGP-Português não apenas distorcem a natureza técnica da atividade, mas também invisibilizam as demandas cognitivas, linguísticas e institucionais inerentes ao trabalho dos intérpretes. Compreender tais mitos e reconhecer as dificuldades reais constitui passo fundamental para o fortalecimento da formação profissional, da ética e da valorização social da tradução e interpretação em línguas de sinais no Brasil e em Portugal.

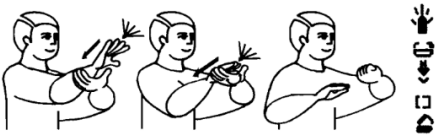
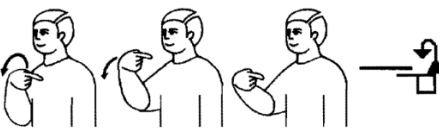
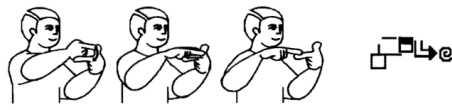
Reconhecendo a arbitrariedade, simultaneidade e iconicidade de ambas, Libras e LGP, que são comprovadamente línguas polimórficas (Amaral et al, 1994; Quadros e Karnoop, 2004), apresentamos alguns exemplos de sinais/gestos que curiosamente tem semelhança e coincidentemente tem certa iconicidade, o que facilita a comunicação entre gestuantes e sinalizantes destas duas comunidades linguísticas. Há, nesse sentido, uma demanda para pesquisas etimológicas que identifiquem as origens de sinais/gestos e sua diacronia.



ICONICIDADE E SEMELHANÇA ENTRE SINAIS E GESTOS

Libras	LGP
CHOCOLATE	CHOCOLATE
	
CHUVA	CHUVA
	
CHORAR	CHORAR
	
CINEMA	CINEMA
	



COPIAR	COPIAR
	
DEPOIS	DEPOIS
	
DINHEIRO	DINHEIRO
	
DIVIDIR	DIVIDIR
	
ESCREVER	ESCREVER
	

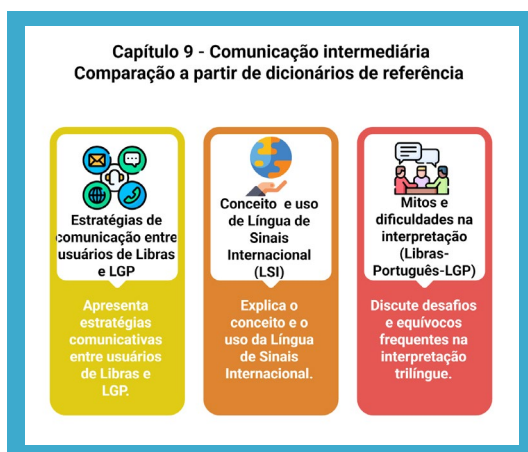


NOTA EXPLICATIVA:

Os exemplos de sinais semelhantes presentes nesta unidade pretendem evidenciar a iconicidade nestes sinais como característica linguística comum entre as duas línguas. Entretanto, reconhece que o léxico da LGP está repleto de gestos arbitrários que exigem mais aprofundamento para possibilitar fluidez na comunicação.

Para consultar a execução dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

Síntese visual:



Fonte: elaborado pelas autoras, com uso da ferramenta Napkin (2025).



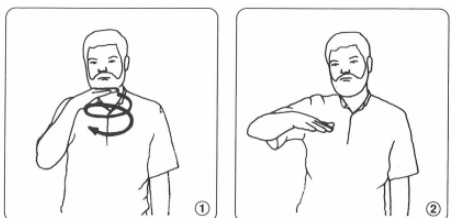
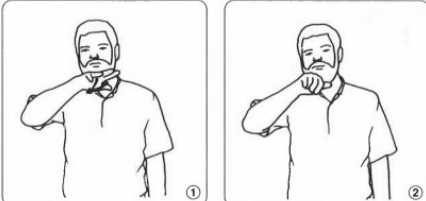
PARTE IV: DICIONÁRIO COMPARATIVO TEMÁTICO (VOCABULÁRIO)

Dá a tua mão e aprende a minha língua,
tu podes falar por gestos no ar
Nós podemos chegar às estrelas,
há tantas coisas para fazermos
juntos.

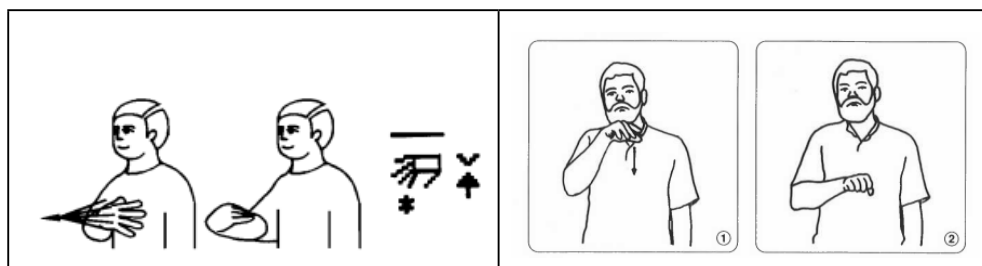
Poema de Danielle Bouvet

Esta é a seção prática, ideal para consulta rápida. Organizada por temas para facilitar a comparação de sinais/gestos. Os verbetes foram extraídos de dicionários de referência em cada país. No caso do Brasil, o dicionário premiado contém mais de 13 mil sinais. A obra é intitulada "Dicionário da língua de sinais do Brasil - Libras em sua mão". Em Portugal a obra de referência é o Gestuário de Língua Gestual Portuguesa, que está na sua 9ª edição. É importante esclarecer que em Libras o signo linguístico é denominado sinal e na LGP de gesto. E que, a título de curiosidade, na cultura surda portuguesa os surdos são batizados com um nome gestual, enquanto na cultura surda brasileira, são batizados com um sinal, ambos representando um nome ou identidade visual de cada pessoa. Outro ponto que precisamos destacar é que todos os verbetes do Dicionário brasileiro contam com a escrita de sinais (Signwriting) ao lado. Elemento que não consta em nenhum material impresso ou online da Língua Gestual Portuguesa.

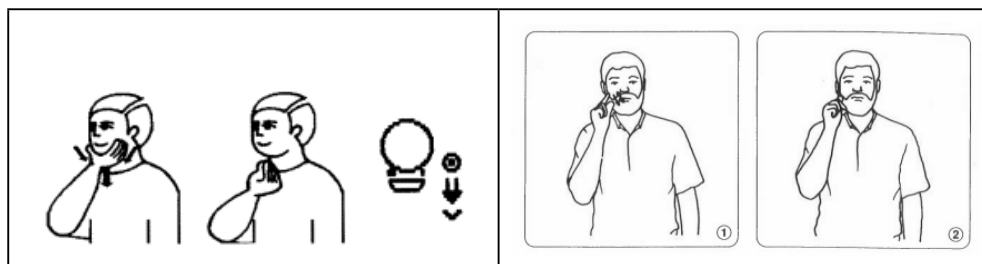
FAMÍLIA E PESSOAS

Libras	LGP
Família	
	
Mãe	
	
Pai	
	
Filho	

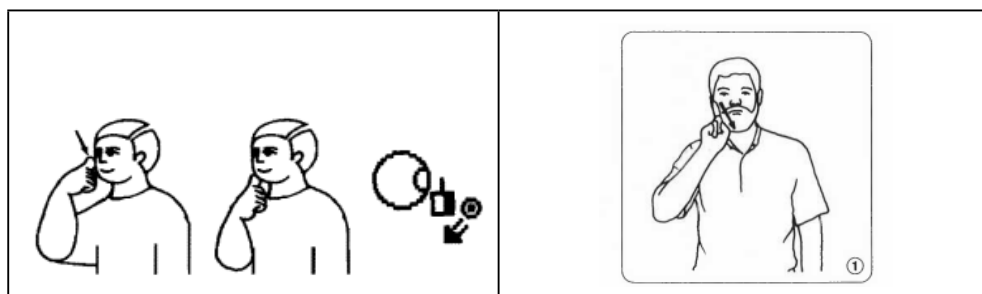




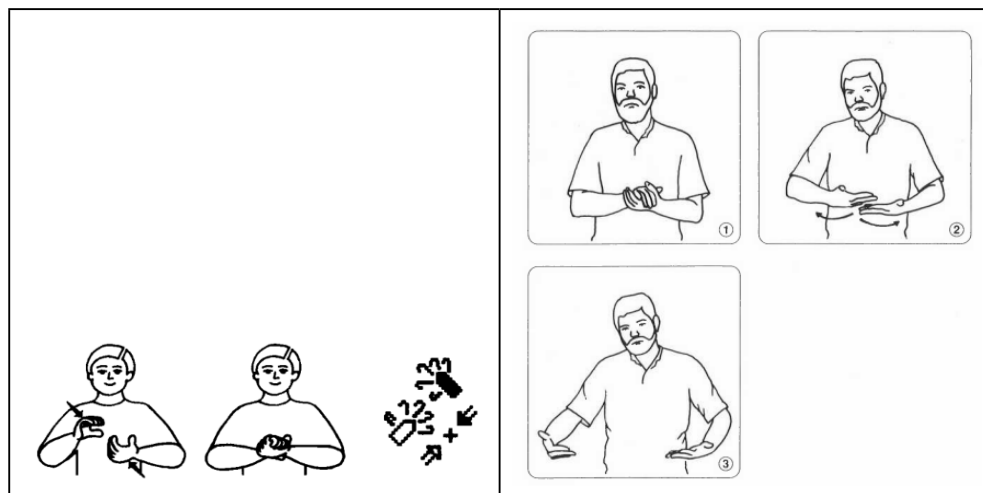
Homem



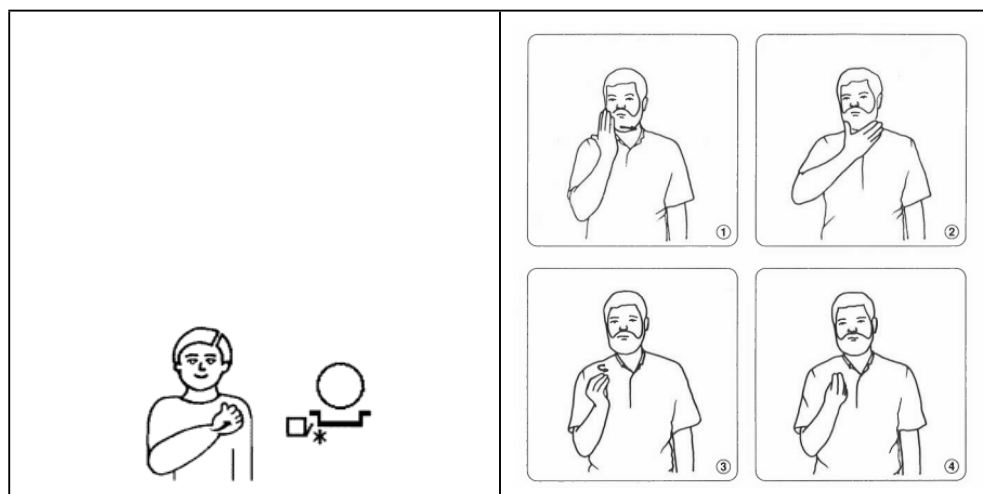
Mulher



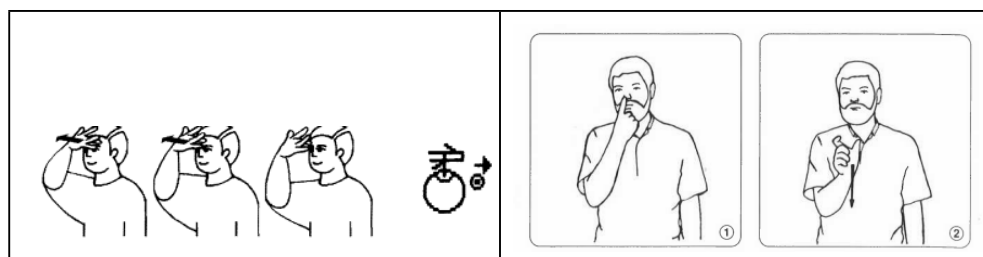
Cônjuge - casal - marido / casamento



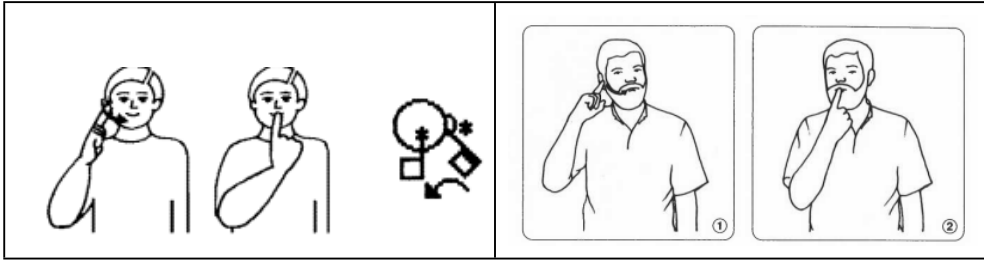
Aluno



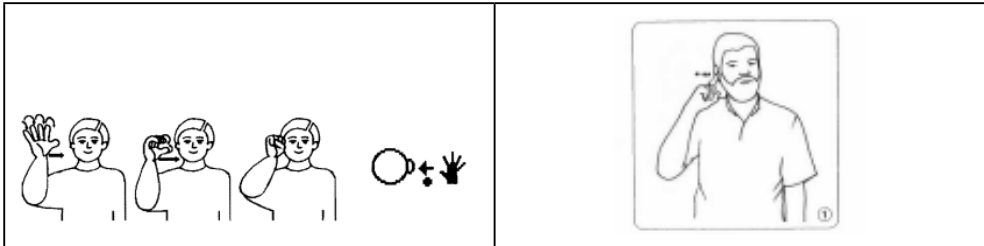
Pessoa



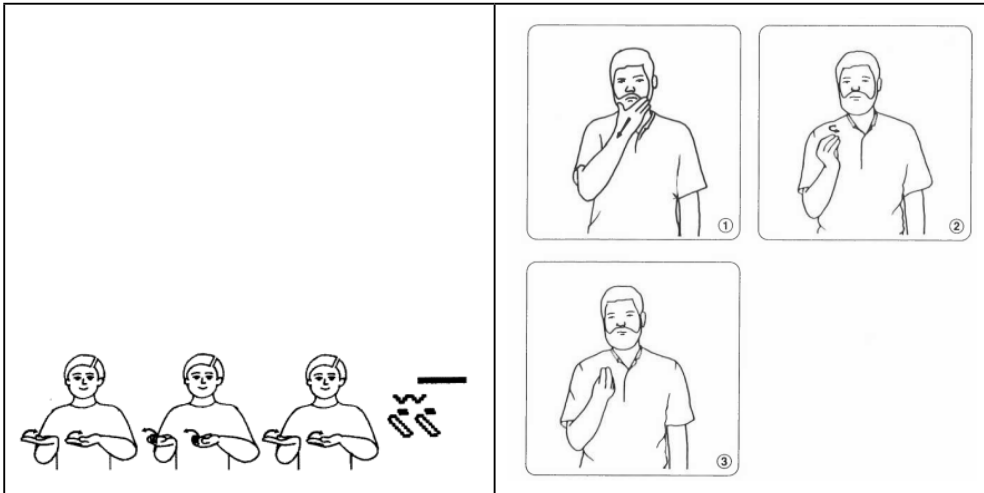
Surdo



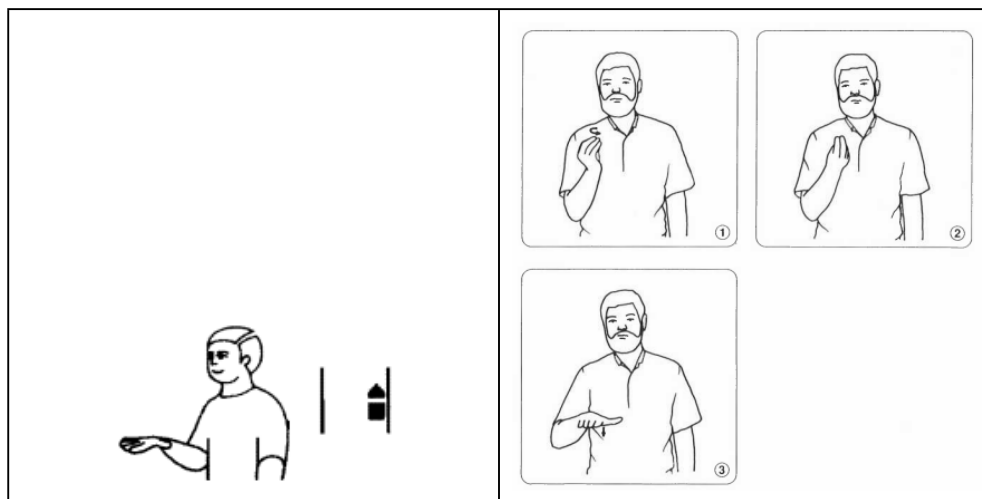
Ouvinte



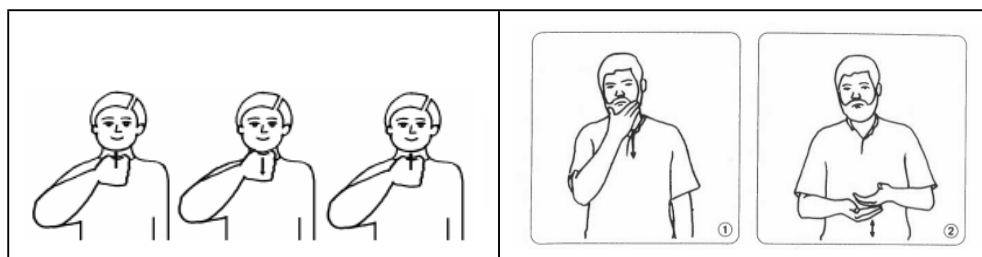
Jovem



Criança



Idoso - Velho



NOTA EXPLICATIVA:

É interessante observar que os sinais, neste contexto, apresentam geralmente, o mesmo ponto de articulação, tanto na Libras quanto na LGP.

Fonte: Capovilla (2013); Ferreira (2011).

Para consulta dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>



COMIDAS E BEBIDAS

Libras	LGP
--------	-----

Alimentação - Comida

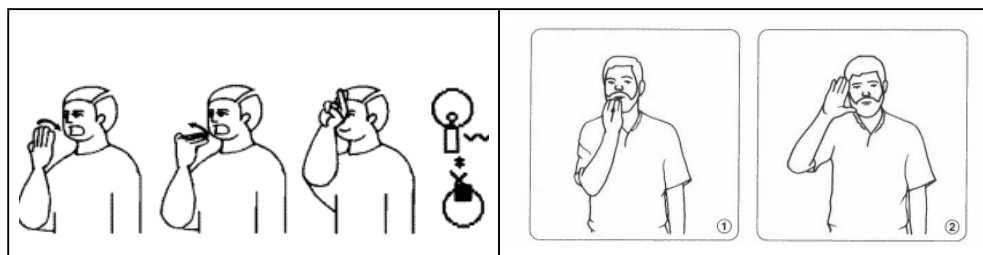
	① ② ③ ④
--	---

café da manhã / pequeno almoço

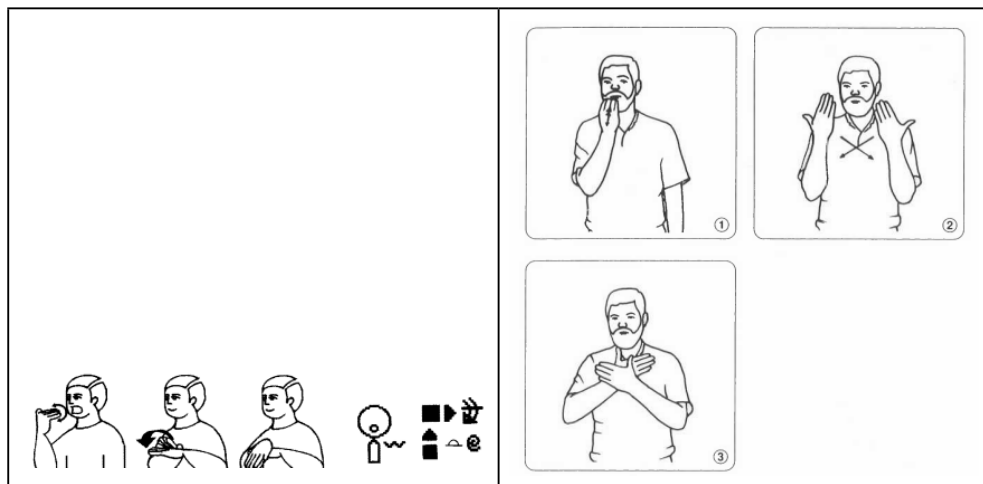
	① ②
--	--



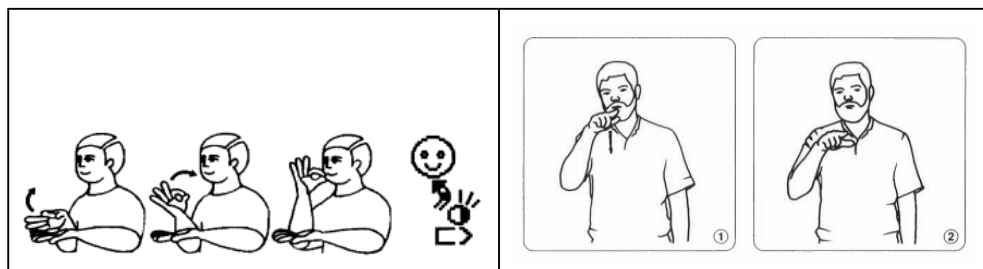
almoço - almoçar



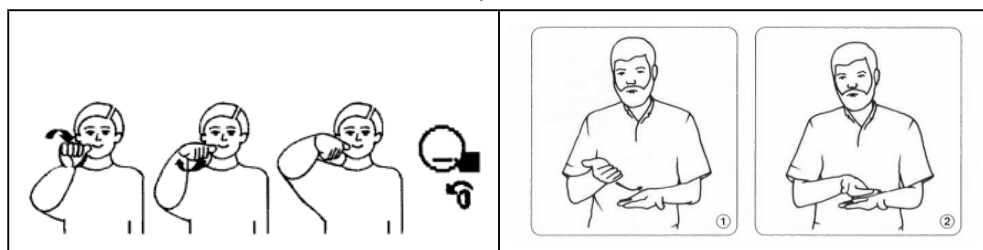
jantar



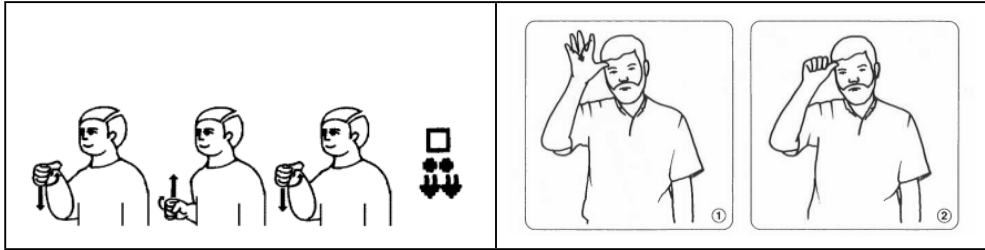
café



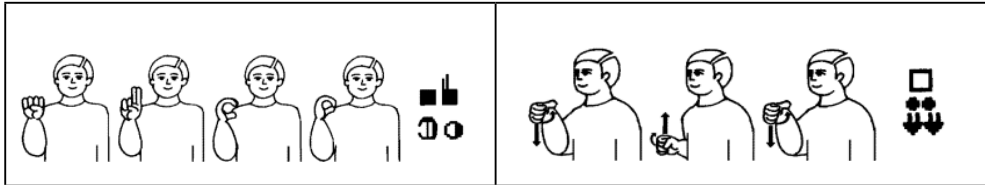
pão



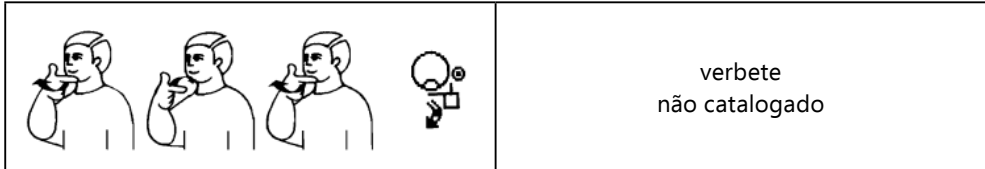
leite



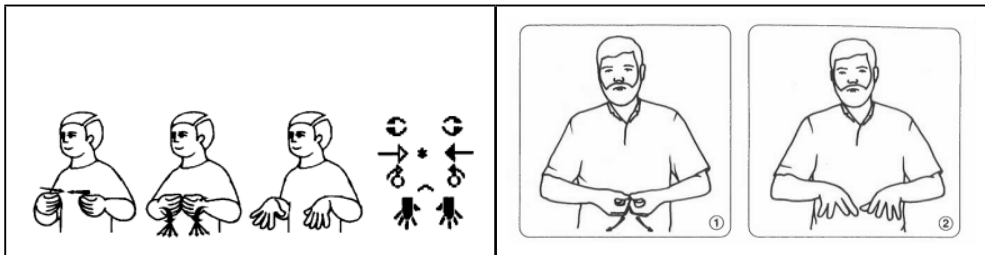
suco / sumo



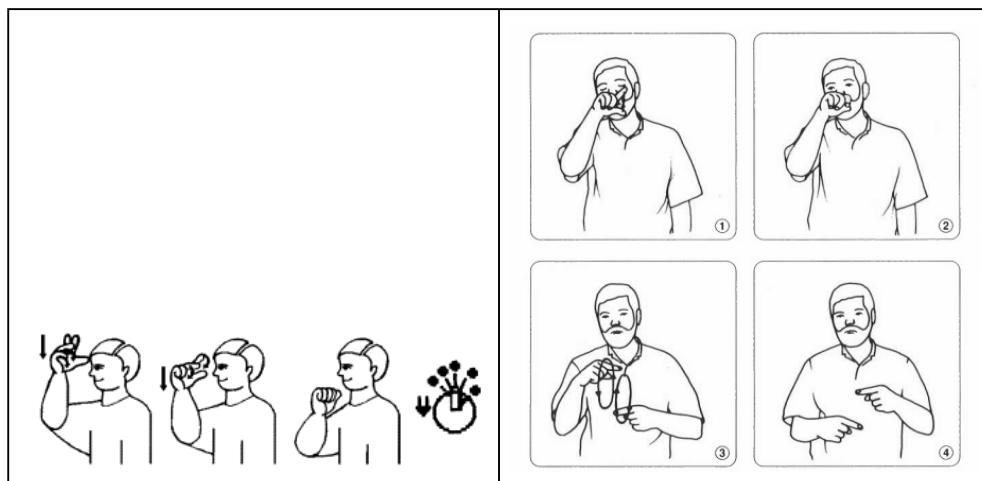
queijo



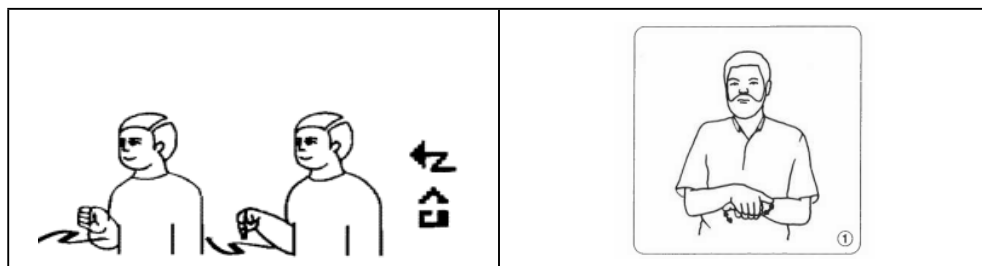
ovo



frango



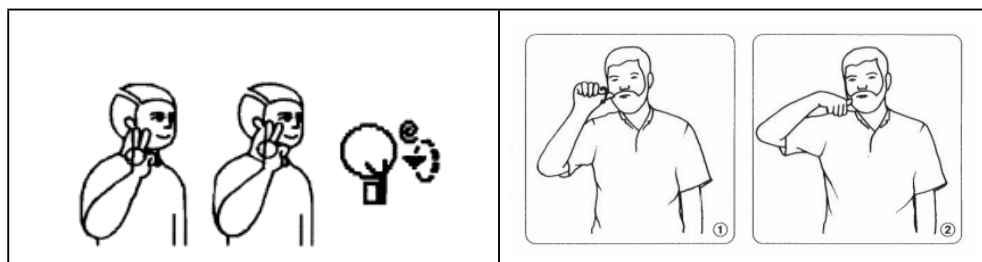
peixe



carne



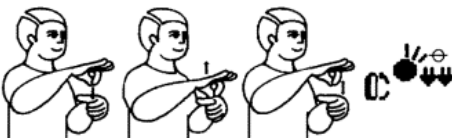
vinho



licor / Ginja

	verbetes não catalogado
---	------------------------------------

chá

	
---	--

refrigerante

	verbetes não catalogado
---	------------------------------------

NOTA EXPLICATIVA:

A similaridade nesse campo semântico consiste no ponto de articulação ser sempre entre a cabeça e o espaço neutro;

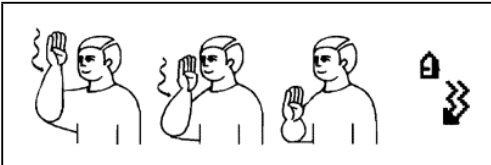
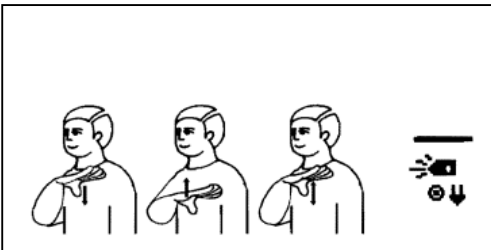
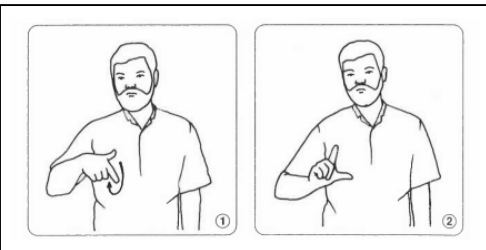
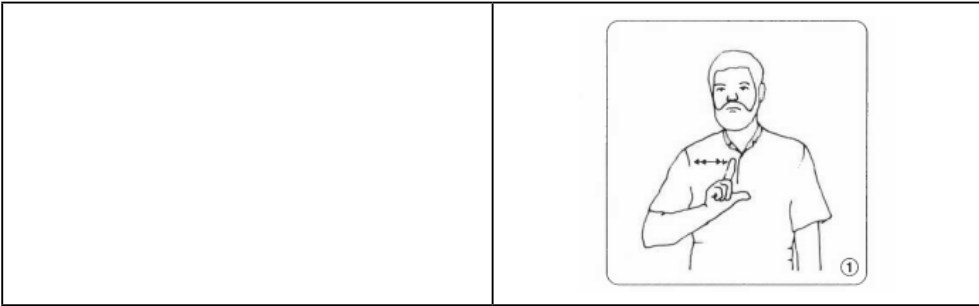
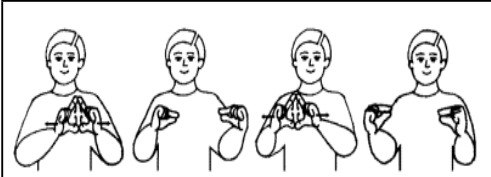
Entre os sinais/gestos em análise, apenas a Libras apresenta uso de datilologia. No caso do sinal S-U-C-O.

Fonte: Capovilla et al (2013); Ferreira (2011).

Para consulta dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

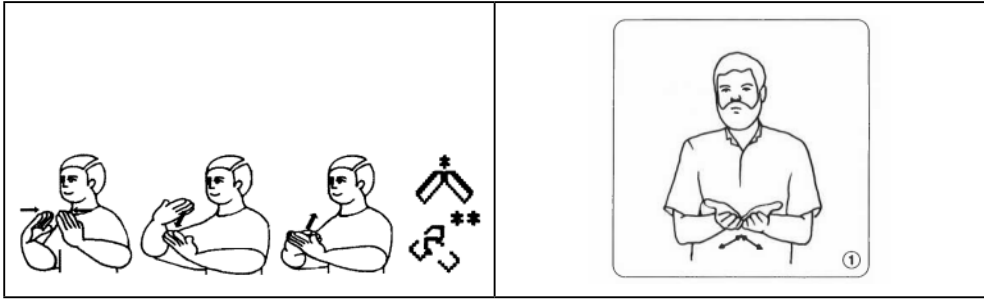


LUGARES E GEOGRAFIA

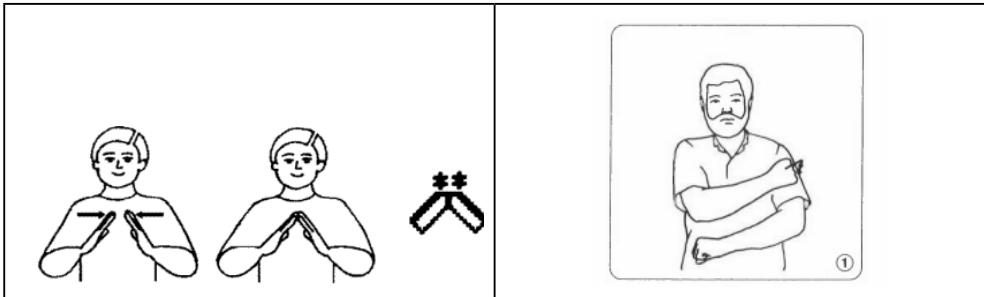
Libras	LGP
Brasil	
	verbete não catalogado
Portugal	
	
Lisboa	
	
Brasília	
	Verbete não catalogado



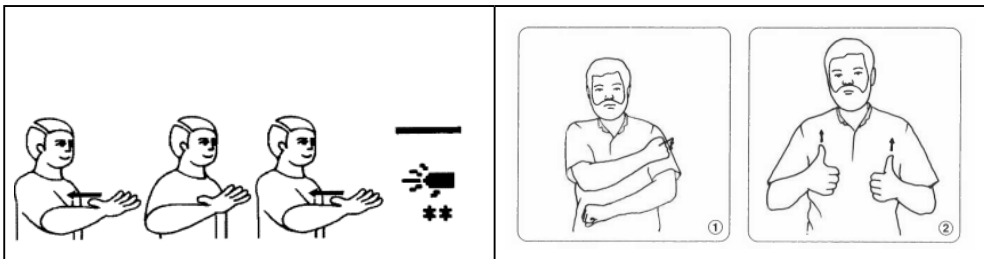
escola



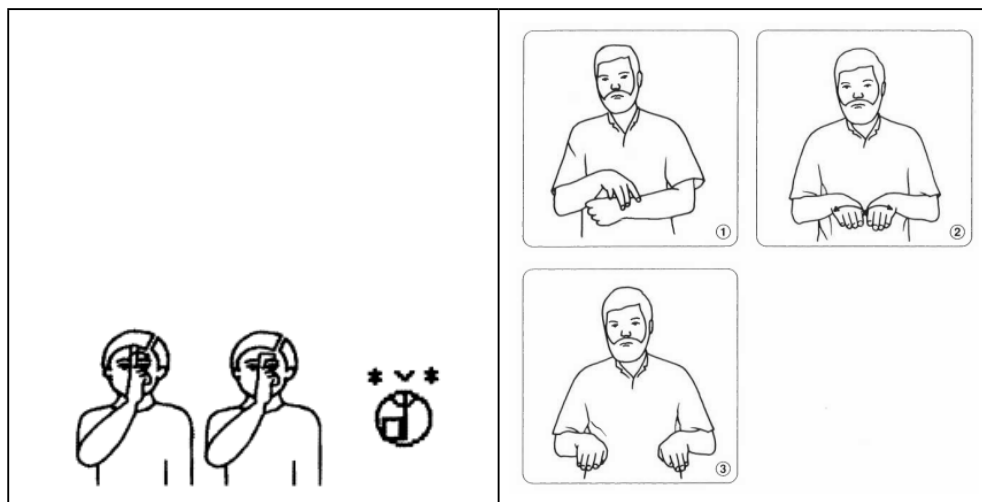
casa



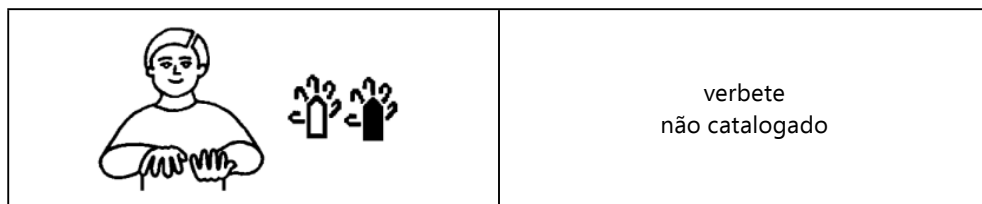
cidade



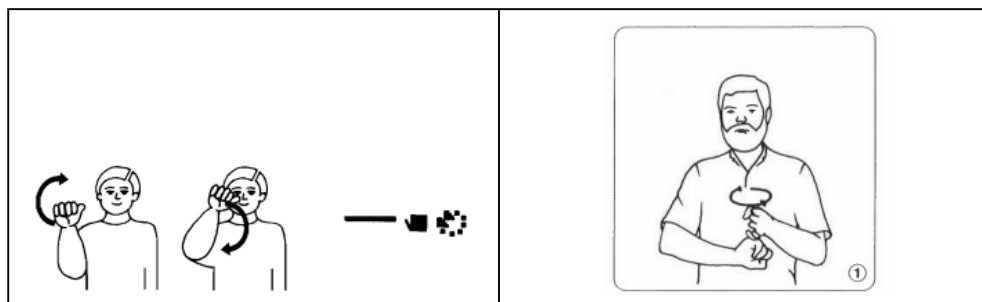
hospital



Congresso Nacional Brasileiro / Assembleia da República



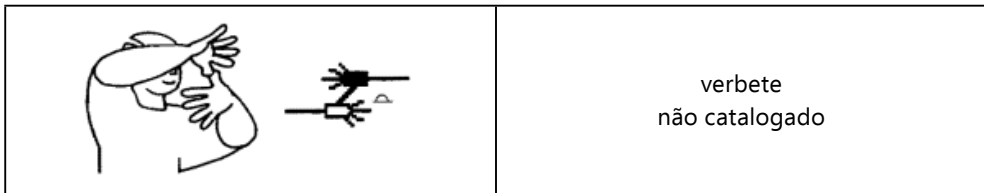
associação



Europa



América



NOTA EXPLICATIVA:

O sinal para “Brasil” se apresenta como um empréstimo linguístico por usar a configuração de mão em “B”. Diferente do gesto para “Brasil”, que apesar de não estar catalogado tem relação com o “samba” ritmo da cultura brasileira conhecido mundialmente.

Os gestos e os sinais para “Europa” e “América” em ambas as línguas têm relação com a imagem representada em mapas.

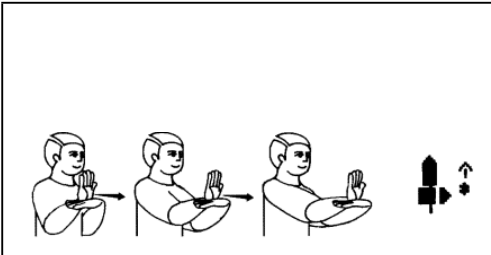
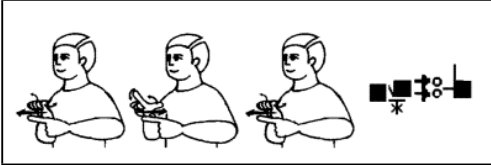
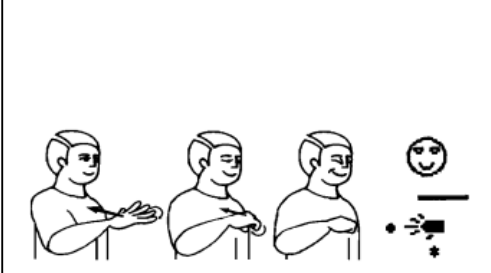
Curiosamente, os gestos para “Lisboa” e “Portugal” são empréstimos linguísticos, por utilizar a configuração de mão em “L”.

Para consulta dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

Fonte: Capovilla *et al* (2013); Ferreira (2011).



AÇÕES E VERBOS COMUNS

Libras	LGP
ajudar	
	
alugar	
	verbete não catalogado
amar	
	



conquistar

	verbetes não catalogado
---	------------------------------------

conseguir

	verbetes não catalogado
---	------------------------------------

falar

	
---	--

ensinar - lecionar - ensino - educação

	
---	---

ler

	
---	---



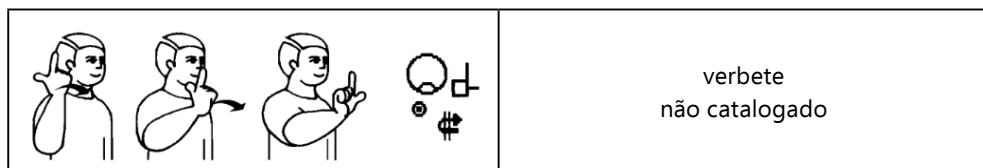
desobedecer



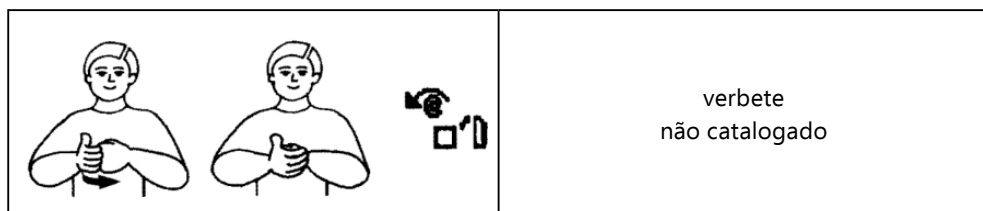
agradecer - obrigado - agradecido



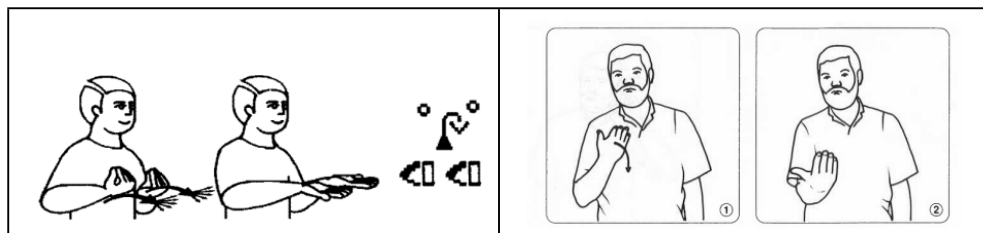
conseguir - obter



ocultar- esconder



dar - oferecer - proporcionar



quebrar / partir

	verbetes não catalogado
---	------------------------------------

querer

	verbetes não catalogado
---	------------------------------------

morrer - falecer - morto - morte

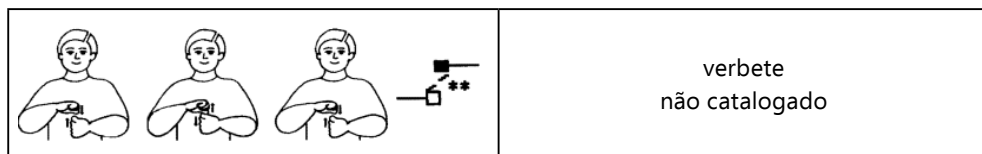
	 ①  ②
---	---

perguntar - indagar - questionar

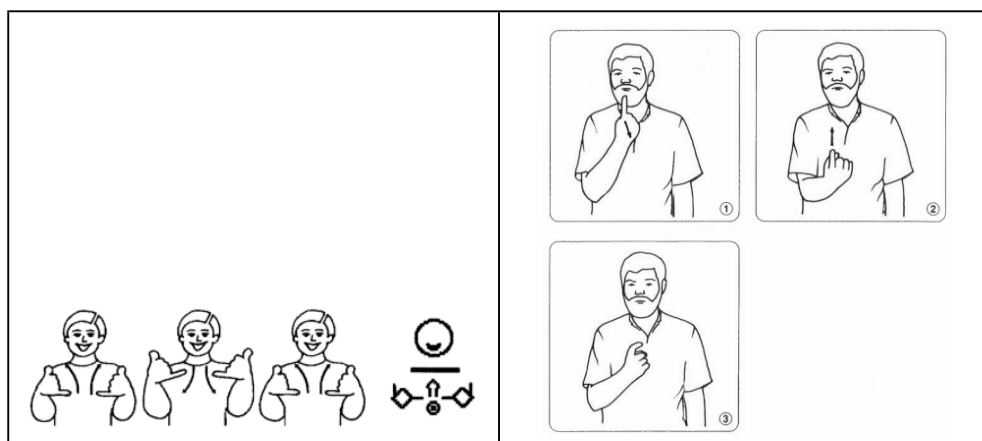
	 ①  ②  ③
---	---



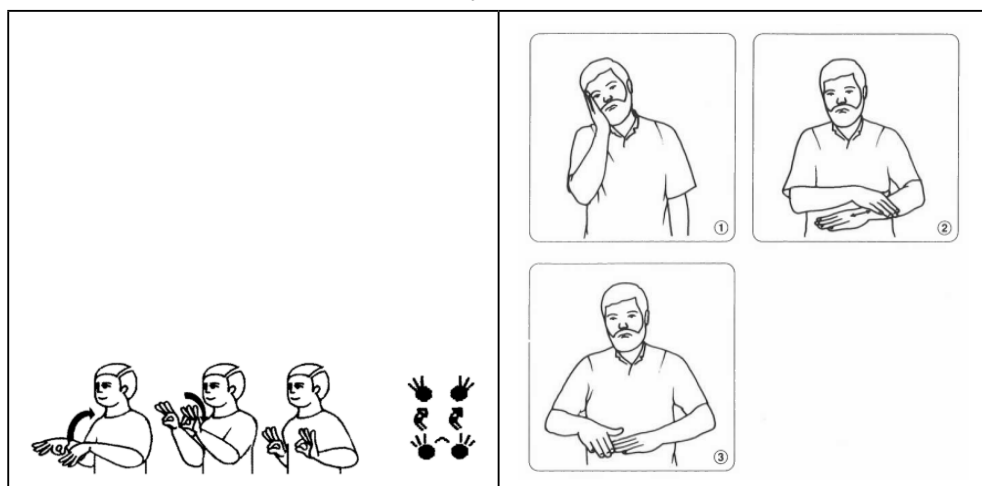
fazer



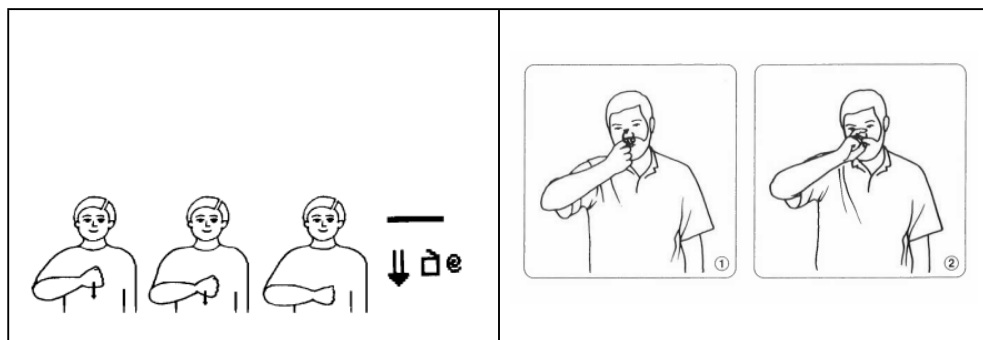
aniversário / fazer anos



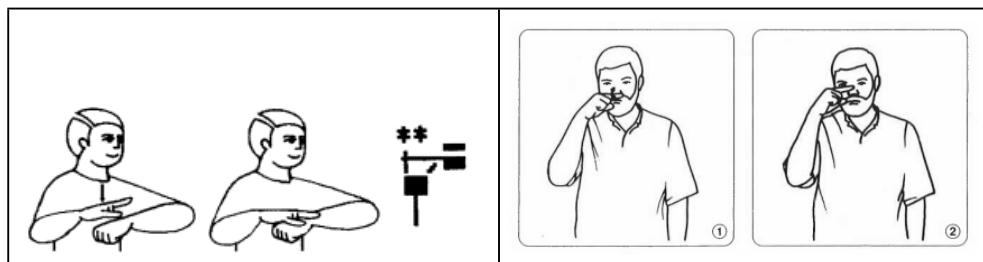
arrumar lençol - fazer a cama



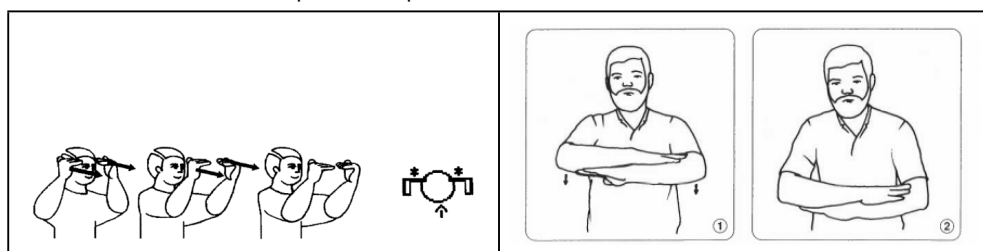
fazer cocó



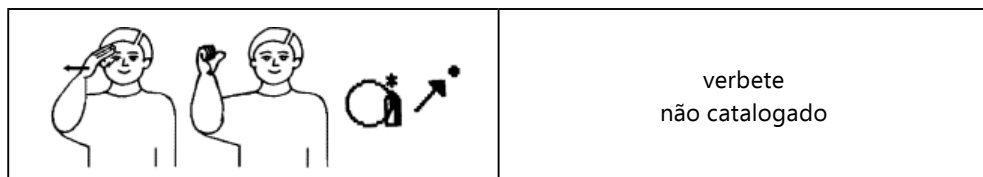
fazer xixi / fazer chichi



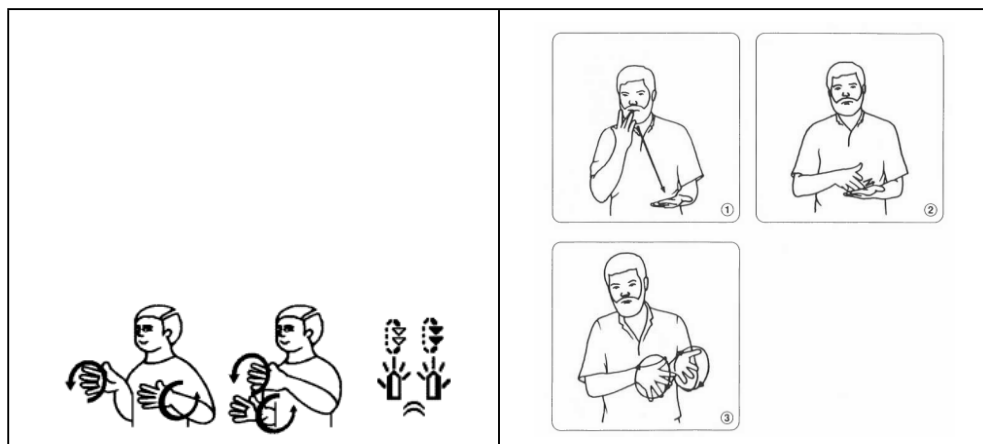
respeito - respeitar - obedecer - obediência



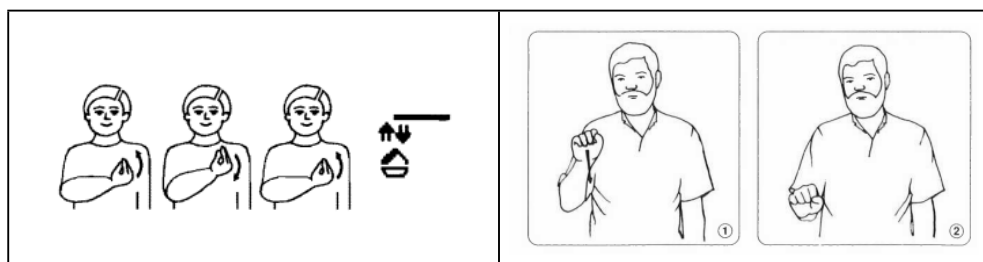
saber



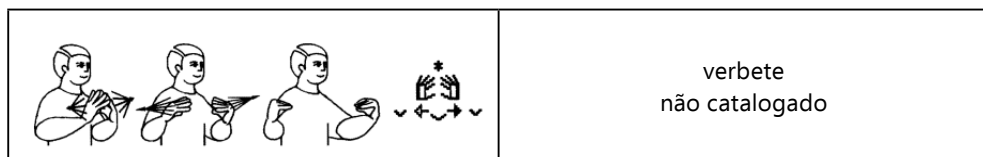
sinalizar / gestuário



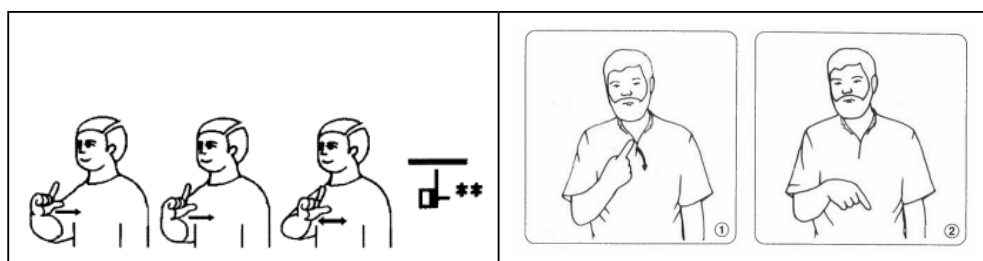
ser/estar



sumir - desaparecer



ter



NOTA EXPLICATIVA:

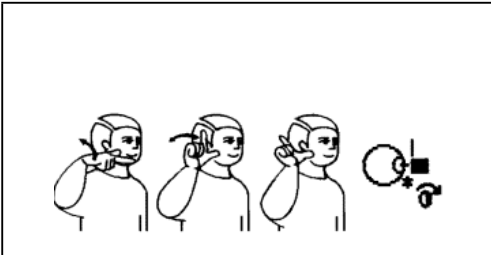
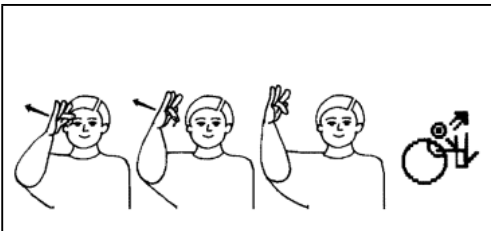
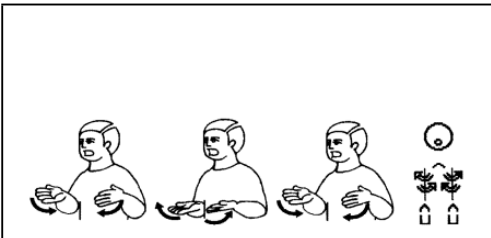
A maior parte dos gestos e sinais neste campo semântico são arbitrários.

Para consulta dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

Fonte: Capovilla *et al* (2013); Ferreira (2011);

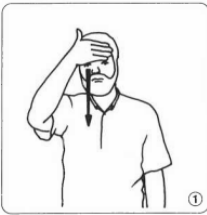


TEMPO E CALENDÁRIO

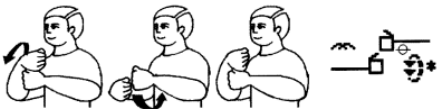
Libras	LGP
ontem	
	 
amanhã	
	 
hoje	
	



semana

verbetes não catalogado	 ①	 ②
	 ③	

ano

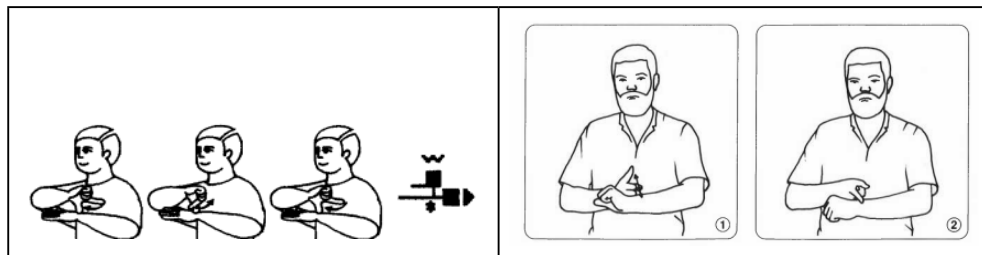
	 ①	 ②
	 ③	

mês

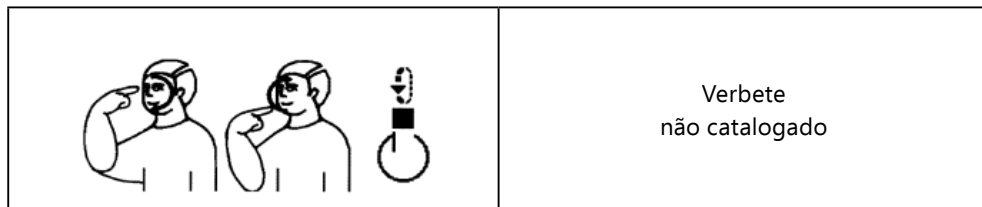
	 ①	 ②



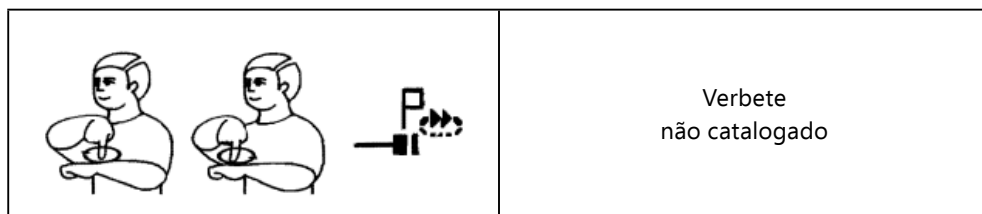
hora relógio



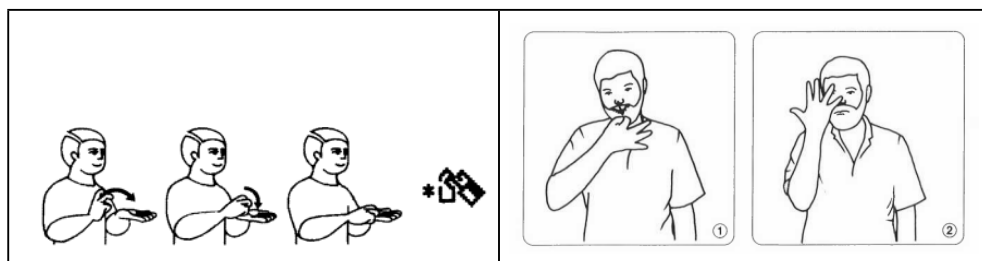
hora duração



horas e horas (muito tempo)



manhã



NOTA EXPLICATIVA:

Os verbetes que não estão catalogados no Gestuário, existem e podem ser consultados em LGP.

Para consulta dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

Fonte: Capovilla *et al* (2013); Ferreira (2011);



EXPRESSÕES E FRASES IDIOMÁTICAS

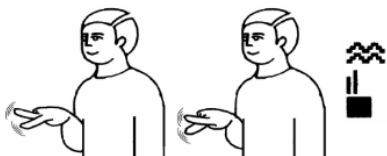
Libras	LGP
legal / fixe	
	verbete não catalogado
bonito / giro	
	
talvez / se calhar	
	
em perigo / em apuros	
	verbete não catalogado



que saco! / que chatice

	verbete não catalogado
---	-----------------------------------

tal e qual

	
---	--

ficar com a corda no pescoço (passar por dificuldade financeira)

	Verbete não catalogado
---	-----------------------------------

ficar de olhos bem abertos - atento - ficar esperto / atenção

	Verbete não catalogado
---	-----------------------------------

filho da puta

	Verbete não catalogado
---	-----------------------------------

basta de vez - acabou

	Verbete não catalogado
---	-----------------------------------



NOTA EXPLICATIVA:

As gírias e expressões tendem a usar gestos e sinais que expressam o sentido real em detrimento do sentido literal.

Para consulta dos sinais/gestos em Libras e LGP recomenda-se usar o site multilingue: <https://www.spreadthesign.com/pt.pt/search/>

Fonte: Capovilla *et al* (2013); Ferreira (2011);



Considerações finais

As comparações desenvolvidas ao longo deste livro permitiram consolidar um panorama teórico abrangente sobre o objeto de estudo proposto, articulando fundamentos históricos, epistemológicos e metodológicos que sustentam a compreensão aprofundada sobre os aspectos linguísticos das línguas discutidas e estudadas. Ao integrar contribuições de diferentes correntes teóricas, buscou-se construir um diálogo consistente entre perspectivas clássicas e abordagens contemporâneas, de modo a oferecer ao leitor uma análise crítica e contextualizada.

É importante observar que cada dicionário foi produzido em um contexto histórico diferente. Ambos os dicionários aqui investigados são da era pós stokeana (Capovilla, Martins & Oliveira, 2018). Porém, o Gestuário foi publicado em sua primeira edição seis anos antes do reconhecimento da LGP, enquanto os dicionários de Capovilla e Raphael (2001a, 2001b), foram publicados um ano antes do reconhecimento da Libras. Esperava-se que o Gestuário avançasse sendo ampliado e atualizado a exemplo do dicionário brasileiro que tem sua versão mais recente publicada em 2019, e que em 2021 dá continuidade através da enciclopédia da Língua Brasileira de Sinais em oito volumes temáticos sendo: Vol. 1 - Educação, Vol. 2 - Arte e Cultura Esporte e lazer, Vol. 3 - Família e relações familiares e casa, Vol. 4 - Comunicação Religião e eventos, Vol. 5 - Medicina e saúde, Vol. 6 - pessoas, Vol. 7 - Relações Humanas, documentos e vestuário e Vol. 8 - Palavras de função gramatical.

Há, portanto, uma disparidade quando colocado lado a lado com o Gestuário de Língua Portuguesa, que apresentava no projeto inicial, quatrocentos verbetes e na edição mais recente, a 9a edição, conta com 621 verbetes ou entradas lexicais.

Os resultados das discussões evidenciam que o fenômeno investigado não pode ser compreendido de forma isolada, uma vez que está imerso em dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam tanto sua interpretação quanto sua operacionalização. A partir dessa constatação, esta obra reforça a necessidade de atualização lexicográfica no contexto português, para dicionários do tipo impresso, com vistas a responder aos desafios que emergem na interface entre teoria e prática.

Então surge o questionamento, será que estamos discutindo o fim dos dicionários impressos? ou estamos discutindo sobre a necessidade do dicionário impresso como referência para a educação de surdos. Reconhecendo que os



dicionários on-line são essenciais para consulta, tendo em vista, a simultaneidade das línguas de sinais, entretanto, assim como e-books não substituem livros físicos, dicionários on-line não substituem dicionários impressos.

Assim, permanece a necessidade de ampliar investigações empíricas, consolidar referenciais teóricos específicos e aprofundar discussões que possam contribuir para o desenvolvimento de modelos analíticos mais robustos. Neste sentido, este livro se coloca não como ponto de chegada, mas como convite à continuidade das pesquisas e ao fortalecimento do debate acadêmico.

Do ponto de vista social e científico, espera-se que as reflexões aqui apresentadas contribuam para qualificar práticas profissionais, subsidiar políticas públicas e fomentar novas linhas de investigação. Ao privilegiar uma abordagem crítica e fundamentada, buscou-se oferecer ao leitor não apenas informações, mas instrumentos analíticos capazes de apoiar a tomada de decisões, orientar intervenções e estimular uma postura reflexiva perante os desafios contemporâneos.

Por fim, reafirma-se a convicção de que o avanço do conhecimento exige permanente revisão, diálogo e abertura às transformações que caracterizam o campo científico. Assim, as considerações finais reafirmam o compromisso desta obra com a produção de saberes rigorosos, éticos e socialmente relevantes, reforçando a necessidade de continuidade das pesquisas e de aprofundamento das discussões que aqui se iniciam.



Referências

- AMARAL, Gabriel Pereira do. **Análise comparativa entre a língua brasileira de sinais e a língua gestual portuguesa**. 2023. Dissertação (Mestrado) — Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/84693b80-868f-4234-bfc7-be0019c8e0b0/content>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- AMARAL, M. A.; COUTINHO, A.; DELGADO MARTINS, M. R. **Para uma gramática da língua gestual portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- BENJAMIM, Pedro Miguel Cavaco. **Implantes cocleares: reflexões sobre a sua história em Portugal e no mundo**. 2019. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) — Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, 2019.
- BETTENCOURT, Maria Fernanda. **A ordem de palavras na Língua Gestual Portuguesa: breve estudo comparativo com o Português e outras línguas gestuais**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2015.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 [...]. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, DF, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- BRAY, Mark; THOMAS, R. Murray. Levels of Comparison in Educational Studies: Different Insights from Different Literatures and the Value of Multilevel Analyses. **Harvard Educational Review**, v. 65, n. 3, p. 472-491, 1995.
- BRENTARI, Diane. **A Prosodic Model of Sign Language Phonology**. Cambridge, MA: MIT Press, 1998.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina (Ed.). **Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira, baseado em linguística e neurociências cognitivas**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo, SP: EDUSP, 2013. 2 v.
- CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. 3 v.



CAPOVILLA, F. C.; MARTINS, A. C.; OLIVEIRA, W. G. S. Criando dicionários de línguas de sinais: modelos iconográfico, linguístico e contemporâneo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 18, n. 2, p. 152-169, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v18n2p152-169>. Acesso em: 05 dez. 2025.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. (org.). **Novo Deit-Libras** [...]. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015a. v. 1.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. (org.). **Novo Deit-Libras** [...]. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015b. v. 2.

CAPOVILLA, F. C., MARTINS, A. C., & OLIVEIRA, W. G. S. (2018). Criando dicionários de línguas de sinais: modelos iconográfico, linguístico e contemporâneo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, 18(2). Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072018000200009 Acesso: 04 dez. 2025.

CARVALHO, P. V.; MINEIRO, A. Políticas linguísticas na educação de surdos em Portugal. **Educação Unisinos**, v. 24, n. 1, p. 3-18, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/entities/publication/b0df4c10-5790-499a-9dfd-ccc43e60d428>. Acesso em: 22 out. 2025.

CORREIA, Isabel S. C.; SILVA, Rafaela; CAMPOS, Ronaldo M. R. (org.). **Línguas de sinais além-mar: propostas de investigação e desafios**. Coimbra/Macapá, 2022.

EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.edusp.com.br/livros/dicionario-da-lingua-de-sinais-do-brasil/>. Acesso em: 04 dez. 2025.

EMMOREY, Karen. **Language, Cognition, and the Brain: Insights from Sign Language Research**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.

FARIAS-NASCIMENTO, V. M. Iconicidade na Libras: quando e como se realizar? In: Língua Gestual Portuguesa e Outras Línguas de Sinais. **Estudos Linguísticos**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019, p. 111-114.

FEDERAÇÃO MUNDIAL DE SURDOS (WFD). Disponível em: <https://wfdeaf.org/our-story/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

FERRAZ, C. L. M. **Dicionário de configurações das mãos em Libras**. 2019. Disponível em: <https://clubedelibras.ufc.br/wp-content/uploads/2023/03/dic-maos-libras.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FERNANDES, Leandro Andrade. Empréstimo linguístico na Libras [...]. **Revista (Entre Parênteses)**, v. 1, n. 8, p. 112-128, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/entrepareses>. Acesso em: 30 nov. 2025.



FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, António Vieira (coord.). **Gestuário: língua gestual portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, 2011.

FONSECA, G. C. **Aplicação de tradução de Língua Gestual Portuguesa (LGP)**. Instituto Politécnico de Lisboa, 2024.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GOLDFELD, Márcia. Surdez. In: GOLDFELD, Márcia. **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. p. 97-112.

GONÇALVES, N. **Língua Gestual Portuguesa e Outras Línguas de Sinais. Estudos Linguísticos**. Universidade Católica Portuguesa, 2022.

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Educação de surdos em perspectiva bilíngue**. Rio de Janeiro, 2023.

KARNOPP, Lodenir. **Fonética e fonologia**. Florianópolis: UFSC, [s.d.].

KLIMA, Edward S.; BELLUGI, Ursula. **The signs of language**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

LGP MOVIMENTO. **Diferentes tipos de frases em LGP**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=548e8-lJVus>. Acesso em: 2025.

LOURENÇO, Vânia do Carmo S. **Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa – Origem e Evolução em Portugal**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2021.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Interpretação e tradução de Libras/Português [...]**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, 2011.

MACHADO, Rodrigo Nogueira. **O processo de empréstimos linguísticos na Libras [...]**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, 2022.

MARTINS, Margarida. **Estruturas morfológicas na Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Universidade Católica, 2018.

MINAS GERAIS. **Lei Ordinária n. 10.379**, de 10 de janeiro de 1991. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-10379-1991>. Acesso em: 26 nov. 2025.

MINEIRO, Ana. **Linguística da Língua Gestual Portuguesa: Estudos morfológicos e sintáticos**. Porto: Porto Editora, 2020.

MINEIRO, A.; COLAÇO, D. **Introdução à fonética e à fonologia na LGP e na Língua Portuguesa**. Lisboa: UC Editora, 2010.



MORAES, V. P.; KLEIN, M.; COELHO, O. Em Defesa de Escolas Bilíngues de Surdos [...]. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 30, e0136, 2024.

MORGADO, Celda; BRITO, Ana Maria. **Língua Gestual Portuguesa e outras línguas de sinais**: estudos linguísticos. Porto: Norprint/FLUP, 2022.

MORGADO, Celda; BRITO, Ana Maria. Pronomes pessoais fortes e fracos [...]. **Sensos-e**, v. 6, n. 1, 2019.

MORGADO, Celda; BRITO, Ana Maria. **Contributos para a descrição linguística [...]. Linguística**, v. 1, p. 101–128, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/10097>. Acesso em: 25 nov. 2025.

MOURA, Vanessa de Almeida. **Os desafios da interpretação simultânea [...]**. 2024. Dissertação (Mestrado) — UFBA, 2024.

NAPKIN. **Ferramenta para criação de diagramas e visualizações**. Disponível em: <https://napkin.ai>. Acesso em: 28 nov 2025.

PHILLIPS, David; SCHWEISFURTH, Michele. **Comparative and International Education**. 2. ed. London: Bloomsbury, 2014.

PORTUGAL. Assembleia da República. **Projeto de Lei 452/IX**. Disponível em: [link]. Acesso em: 5 dez. 2025.

PORTUGAL. **Constituição da República Portuguesa** (4.^a Revisão), 1997. Disponível em: <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>. Acesso: 28 out. 2025.

PORTUGAL. **Decreto-Lei n.º 3/2008**, de 7 de janeiro. Disponível em: <https://diario-darepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/3-2008-386871>. Acesso: 05 dez. 2025.

PORTUGAL. **Decreto-Lei n.º 54/2018**, de 6 de julho. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/dl_54_2018.pdf. Acesso em: 05 dez. 2025.

PORTUGAL. **Lei n.º 89/1999**, de 5 de julho. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/89-1999-373656>. Acesso em: 05 dez. 2025.

QUADROS, R. M. de. **Gramática da Libras**. São Paulo: Parábola, 2020.

QUADROS, R. M. de. **Ordem das palavras nas sentenças em Libras**. Florianópolis: UFSC, 1999.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. *et al.* (org.). **Língua brasileira de sinais**: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Guarapuuvú, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais I**. Florianópolis: Insular, 2013.



- RAMOS, R. M. **Técnicas e estratégias de intervenção pedagógica**. BRAJETOS, 2023.
- RODRIGUES, Marcos. **Aspectos da morfologia da Língua Gestual Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2015.
- ROYER, Érica. **Análise da ordem das palavras em Libras** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211385>. Acesso em: 04 dez. 2025.
- SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- SANTOS, A. **O ensino dos surdos-mudos em Portugal**. Lisboa: Tipografia Casa Portuguesa, 1913.
- SILVA, Rafaela Cota da. **SignWriting** [...]. 2012. Dissertação (Mestrado) — Universidade Lusófona, 2012.
- SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação dos surdos no Brasil**. Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Edusf, 1999.
- SOUSA, Filipe Venade de. **Língua Gestual Portuguesa: História, Sociolinguística e Política Linguística**. Lisbon International Press, 2021.
- SOUZA, André Nogueira de. **Aspectos cognitivos da interpretação em Libras-Português**. Brasília: UnB, 2016.
- STOKOE, William C. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf**. Buffalo: University of Buffalo, 1960.
- STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- TORRES, Rosana Glat (org.). **Tradução e interpretação em línguas de sinais: perspectivas contemporâneas**. Rio de Janeiro: UERJ, 2019.
- UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação** [...]. Salamanca, 1994.
- UNESCO. **Comparative education: documentos históricos**. Paris: UNESCO, 1950s.



Sobre as autoras



ALCIONE COSTA DE AQUINO PINTO CABRAL

Doutoranda PPGED-UFRN. Mestra em Educação Especial - PPGEESP-UFRN. Licenciada em Letras Libras - UFPB, Especialista em Libras - FCNSV. Servidora efetiva da Prefeitura Municipal de Assú/RN e do Estado do Rio Grande do Norte, lotada na jurisdição da 11ª DIREC. Atua como Professora de Libras em Cursos de Formação Continuada e no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para Surdos. Participa do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em Informática na Educação (GIIIfE) da UFRN.



CÉLIA MARIA ADÃO DE OLIVEIRA AGUIAR DE SOUSA

Doutora em Ciências da Educação, com especialidade em Comunicação. Professora de carreira do ensino superior e Coordenadora do Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID) e do Mestrado em Educação Especial na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Investigadora integrada do Centro de Investigação Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, com foco em literatura acessível. Como atividade complementar, escreve histórias infantis, tendo publicado 11 obras. Defende que uma sociedade inclusiva é aquela em que todos os cidadãos são reconhecidos como sujeitos de pleno direito, pela aceitação da diferença e pela participação plena em todos os domínios.



FLÁVIA ROLDAN VIANA

Mestre em Educação, Doutora em Educação Brasileira e Estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada. É Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e docente permanente nos Programas de Pós-graduação: Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEsp/UFRN); no Programa de Pós-Graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais (PPgITE) (IMD/UFRN) e no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) (CE/UFRN).





Composto na
GRÁFICA CAULE DE PAPIRO
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | Natal/RN | (84) 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br



Duas nações, duas línguas, um diálogo essencial. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), no Brasil, e a Língua Gestual Portuguesa (LGP), em Portugal, são as expressões visuais de ricas culturas Surdas, sendo línguas distintas e com caminhos históricos singulares. Longe da ideia errônea de uma "Língua de Sinais universal", esta obra é a primeira a realizar um estudo comparativo tão profundo e abrangente entre elas.

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



PPGEESP

Programa de
Pós-Graduação em
Educação Especial



IPL
escola superior
de educação
e ciências sociais
instituto politécnico
de leiria



editora
CAULE DE PAPIRO®



Sinopse em Libras

